

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

ANA KLAUDIA DE BORBA BUZATTO

**90 MILHÕES EM CAMPO: O USO POLÍTICO DA COPA DO MUNDO FIFA DE
1970 PELA DITADURA MILITAR BRASILEIRA NA MÍDIA IMPRESSA**

PORTO ALEGRE

2023

ANA KLAUDIA DE BORBA BUZATTO

**90 MILHÕES EM CAMPO: O USO POLÍTICO DA COPA DO MUNDO FIFA DE
1970 PELA DITADURA MILITAR BRASILEIRA NA MÍDIA IMPRESSA**

Trabalho de conclusão de curso de
graduação para a obtenção do título do grau
de Licenciada em História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto
Barcellos Guazzelli

PORTO ALEGRE

2023

ANA KLAUDIA DE BORBA BUZATTO

**90 MILHÕES EM CAMPO: O USO POLÍTICO DA COPA DO MUNDO FIFA DE
1970 PELA DITADURA MILITAR BRASILEIRA NA MÍDIA IMPRESSA**

Trabalho de conclusão de curso de
graduação para a obtenção do título do grau
de Licenciada em História do Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 17 de abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. César Augusto Barcellos Guazzelli (orientador)
Departamento de História
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga
Departamento de História
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Erechim

Prof. Dr. Miguel Enrique Almeida Stédile
Instituto de Educação Josué de Castro (RS)

Nos cantos escondidos do Lageado Bonito e do Lageado Silvano, no município gaúcho de Seberi, Sadi Buzatto (in memoriam) apitava os campeonatos amadores, João Rodrigues de Borba (in memoriam) contava histórias, Soeli Martins Buzatto (in memoriam) dava exemplo de fé e perseverança e Celita Martins de Borba (in memoriam) ensinava a lutar e resistir.

Aos meus avós, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho contou com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais gostaria de agradecer:

A todos que colaboraram de alguma forma durante os anos de curso e para a execução deste trabalho.

Ao meu orientador César Guazzelli, por ter me apresentado à História do Futebol, ter me dado a oportunidade de ser sua bolsista de iniciação científica durante o curso, além de ter me apoiado e incentivado na escrita deste trabalho.

Aos amigos e às amigas do curso de História da UFRGS, de treino e da vida por terem tornado essa jornada mais leve e feliz.

À minha melhor amiga Andrielle, irmã que a vida me deu, por comemorar minhas vitórias, escutar meus devaneios e me amparar tantas vezes nesses anos.

Aos meus primos e às minhas primas, por festejarem comigo nos momentos de alegria e me acolherem nos momentos de dor. Em especial, ao meu primo Gabriel, por estar sempre ao meu lado.

Aos meus tios e às minhas tias, por nunca deixarem faltar carinho e atenção e à minha família em geral, por serem minha referência e meu refúgio.

Aos meus avós Soeli (in memoriam), Sadi (in memoriam), Celita (in memoriam) e João (in memoriam) por dedicarem suas vidas aos filhos e aos netos, deixando como legado nossa união e nossa irmandade.

À minha irmã Kamila, por ter sido minha primeira professora, participando da minha alfabetização, e minha primeira amiga.

Ao meu tio e dindo Carlos, por ter cuidado e ainda cuidar tanto de mim.

Ao meu pai Claudio, de quem herdei a paixão pelo futebol, e à minha mãe Celi, de quem herdei a paixão pela vida, por terem me dado suporte durante toda minha trajetória, da escola à graduação. Por terem, também, confiado em mim e me incentivado, me encorajando a explorar toda a minha potencialidade.

“O futebol é o povo, o poder é o futebol: *Eu sou o povo*, diziam essas ditaduras militares.”

Eduardo Galeano

RESUMO

O futebol é um dos aspectos mais importantes da cultura brasileira, sendo um espaço de formação de identidades individuais e coletivas e de representatividade. Essa representatividade pode dar-se regionalmente, como no caso dos clubes, ou nacionalmente, como no caso das seleções. Nesse sentido, esta pesquisa propôs-se a analisar o uso político da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1970 pela Ditadura Militar Brasileira. Para isso, buscou-se na bibliografia disponível o embasamento teórico para compreensão do contexto histórico, das peculiaridades dessa edição do campeonato e da associação do Presidente Médici ao selecionado perante a opinião pública. Além disso, selecionou-se e examinou-se reportagens do período nos jornais *Jornal do Brasil* e *O Globo*, identificando a estratégia do discurso jornalístico em prol dos militares, em especial do Presidente. Assim, percebeu-se o emprego de linguagem patriótica e unificadora que buscava fomentar um sentimento nacionalista a partir da performance vitoriosa da equipe brasileira, além de promover a imagem de Médici enquanto um homem comum, com o qual o povo poderia identificar-se. Dessa forma, aferiu-se que os militares, por meio da propaganda e da mídia, demonstraram seu apoio à seleção com o interesse de capitalizar o sucesso e a popularidade trazidas com a conquista da taça, assim estimulando a confiança no seu projeto de nação. Concluiu-se, também, que o futebol evidencia processos históricos, sendo uma importante perspectiva de análise da sociedade brasileira.

Palavras-chave: História do Futebol. História do Brasil. Ditadura Militar. Copa do Mundo de 1970.

ABSTRACT

Soccer is one of the most important aspects of Brazilian culture, being a space for individual and collective identities and representativeness development. This representativeness can occur regionally, as with clubs, or nationally, as with national teams. In this sense, this research proposed to analyze the political use of the Brazilian soccer team in the 1970 World Cup by the Brazilian Military Dictatorship. To this end, the research sought in the available bibliography the theoretical basis for understanding the historical context, the peculiarities of this championship edition and the association of President Médici to the national team in front of public opinion. Furthermore, reportages from the period in the newspapers *Jornal do Brasil* and *O Globo* were selected and examined, identifying the strategy of journalistic discourse in favor of the military, especially the President. Thus, it was noticed the use of patriotic and unifying language that pursued to foster a nationalist feeling based on the victorious performance of the Brazilian team, in addition to promoting the Medici's image as a common man, with whom the people could identify. In this way, it was verified that the military, through publicity and the media, demonstrated their support for the national team with the aim of capitalizing on the success and popularity brought with the achievement of the cup, thereby stimulating confidence in their project of nation. It was also concluded that football evidences historical processes, being an important analysis perspective of Brazilian society.

Key words: Soccer History. History of Brazil. Military Dictatorship. 1970 World Cup.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. FUTEBOL E IDENTIDADES: FORMANDO INDIVÍDUOS E GRUPOS.....	12
1.1. O futebol chega à América Latina e ao Brasil.....	12
1.2. O “ser torcedor”	13
1.3. O cidadão se torna torcedor.....	14
2. MÉDICI: UM HOMEM COMUM NA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA.....	17
2.1. O governo de Emílio Garrastazu Médici.....	17
2.2. O contexto da Copa do Mundo FIFA 1970.....	20
2.3. O presidente torce junto.....	21
2.4. Outros casos de uso político do futebol: Getúlio Vargas e Jorge Videla.....	23
2.5. A disciplina e a técnica como valores nacionais e identitários.....	25
2.6. Torcer pela seleção, lutar pela pátria: pra frente, Brasil!.....	27
3. A MÍDIA EM PROL DO GOVERNO MILITAR: ANÁLISE DE JORNAIS.....	29
3.1. Os jornais escolhidos como fonte.....	29
3.2. A cobertura da Copa do Mundo e o discurso jornalístico.....	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
5. FONTES.....	42
6. REFERÊNCIAS.....	44
7. ANEXOS.....	48

INTRODUÇÃO

O Brasil é o país do futebol, defendem alguns. O presente trabalho parte de uma concepção diferente, mas não oposta: o futebol é o esporte do Brasil. Embora não tenha nascido aqui, o futebol encontrou neste país um ambiente para desenvolver-se e penetrou no dia a dia da população. “Há alguns povoados e vilarejos no Brasil que não têm igreja, mas não existe nenhum sem campo de futebol”, diz Eduardo Galeano (2004, p. 135). Nessa perspectiva, esse esporte apresenta-se como um dos aspectos culturais mais importantes do país, pelos quais os brasileiros identificam-se e são identificados. Assim, ele é palco de interações entre agentes sociais que nele articulam seus interesses, podendo ser influenciado por essas relações da mesma forma que pode influenciá-las.

Sob essa perspectiva, os espaços do futebol são o cenário de formação de identidades, sejam elas individuais ou coletivas. Elas podem dar-se regionalmente, pelos clubes, ou nacionalmente, pelas seleções, transformando pessoas em torcedores. Contudo, a construção da identidade do torcedor com o clube acontece de forma distinta à identidade do torcedor com a seleção. Na identidade clubística, o potencial torcedor é influenciado por agentes próximos (núcleo familiar e amigos) e escolhe entre algumas opções de time. Em contrapartida, na identidade com a seleção, existe apenas a opção do país em que nasceu, estando condicionada ao grau de pertencimento à nação. Assim, já não são mais agentes próximos a influenciar a escolha, mas sim agentes sociais. Estes sujeitos possuem seus próprios objetivos que vão além do apoio à equipe em um campeonato.

Ao longo da história do Brasil, esses agentes sociais muitas vezes foram os líderes políticos e a população, em que os primeiros buscavam na popularidade do esporte uma forma de autopromoção. Um desses episódios mais importantes foi o uso político da Copa do Mundo FIFA de 1970 pela Ditadura Militar brasileira, especialmente na figura do Presidente Emílio Garrastazu Médici. A performance admirável e vitoriosa da seleção brasileira nesta edição do campeonato foi uma oportunidade para o governo, através da propaganda, de criar um ambiente de otimismo e de confiança no projeto de país trilhado pelos militares. Além disso, buscou-se nela fomentar o sentimento patriótico e a coesão nacional, escondendo os crimes cometidos pela ditadura.

Os militares exploraram, principalmente, a imagem de Médici como um homem comum, no qual os brasileiros poderiam sentir-se representados. A propaganda militar executada pela Associação Especial de Relações Públicas (AERP) evidenciava a paixão do Presidente pelo esporte e pela seleção, uma vez que a nação estava sendo representada pelo time. Para isso, a AERP buscou produzir material publicitário e impulsionou matérias jornalísticas que seguissem o mesmo discurso nacionalista e unificador.

Nesse sentido, pode-se verificar essa estratégia nos jornais cariocas analisados por esta pesquisa, sendo eles o Jornal do Brasil e, principalmente, O Globo. Neles, percebe-se uma nítida linguagem patriótica, que destacava a seleção como motivo de orgulho por ser brasileiro e, dessa forma, de confiança e esperança pelo futuro do país. Além disso, o Presidente Médici aparece como um ferrenho torcedor, que deixa-se levar pela emoção como uma pessoa normal. Assim, buscaram os militares capitalizar a euforia da conquista da Copa do Mundo no México, fortalecendo e legitimando sua posição de poder conquistada por meio de um golpe.

1. FUTEBOL E IDENTIDADES: FORMANDO INDIVÍDUOS E GRUPOS

1.1. O futebol chega à América Latina e ao Brasil

De carona com o capitalismo britânico, chega aos portos latinoamericanos, no final do século XIX, o esporte que havia se popularizado e sido formalizado na expoente Inglaterra: o futebol. Inicialmente, era praticado apenas pelos ingleses residentes na América Latina, mas logo espalhou-se entre a população sul-americana. Provavelmente por sua simplicidade (KUPPER, 2018, p. 222), já que não requer grandes estruturas ou muitos equipamentos para ser jogado, ou pela possibilidade de ser uma válvula de escape de uma realidade cheia de tensões e desigualdades sociais, o futebol ganhou esse continente tornando-se parte da cultura particular de cada nação.

Para as elites oligárquicas latino-americanas, a importação da cultura inglesa, incluindo as atividades esportivas, significava um meio de civilizar a população e superar a característica barbárie oriunda da diversidade étnica aqui presente (RINKE, 2007, p. 87). Isso explica um pouco da febre do futebol, que acompanhando a hegemonia comercial da Inglaterra no continente americano estabeleceu-se primeiro na Argentina e depois em outros países, como Bolívia, Chile e posteriormente o Brasil. Em vista disso, os primeiros clubes fundados nesses países eram exclusivos para os britânicos residentes na América, o que sem demora mudou quando jogadores nativos passaram a ser aceitos também, além de clubes puramente locais terem surgido. Assim, como aponta Rinke (2007, p. 89), “con el tiempo, el avance de este proceso se expresó también en la españolización de los anglicismos. El football se transformó en ‘fútbol’”, processo que pode ser verificado na criação de confederações próprias e independentes das raízes europeias, em destaque a Confederação Sulamericana de Futebol, hoje CONMEBOL, criada em 1916 por Argentina, Brasil, Uruguai e Chile.

Os selecionados latinos gradualmente conquistaram espaço nos campeonatos internacionais, demonstrando competências superiores às europeias, visto que obtiveram grande êxito já nas primeiras edições. Como exemplo, o Uruguai, que foi o precursor desse sucesso sendo o primeiro país latino a participar de uma olimpíada (e ganhar!) em 1924 e o vencedor da primeira edição da Copa do Mundo FIFA em 1930. Concomitantemente, os vizinhos Argentina e Brasil apresentaram progresso e aprimoraram suas performances dentro e fora dos

países. Contudo, é evidente que para o crescimento e estabelecimento do futebol no continente sul-americano seria necessária a existência de um contexto propício, com a possibilidade de investimentos e as condições para que os novos jogadores pudessem dedicar-se a essa prática.

No Brasil, é difícil precisar onde o futebol de fato iniciou, mas é patente que rapidamente se tornou popular e substituiu outras atividades esportivas e de lazer, como ciclismo, automobilismo e remo, provavelmente por sua facilidade em ser praticado (KUPPER, 2018, p. 222). O esporte que viria a estar presente em todas as classes e em cada rua do país começou isolado em agremiações e instituições privadas, onde apenas a elite econômica poderia ter acesso, como aponta Kupper (2018), destinado àqueles que não executavam trabalhos braçais. No entanto, logo o futebol encontrou espaço dentro das fábricas, como forma de lazer encontrada pelos operários e de disciplina pelos empresários. O jogo em que cada um tem sua posição, tem duração definida e pede cooperatividade teria muito a ensinar aos trabalhadores e, assim, servir ao interesse capitalista de produtividade e de exploração.

1.2. O “*ser torcedor*”

A nível mundial, o futebol também encontrou seu espaço no cotidiano de diferentes países, seja no âmbito dos clubes regionais, seja no âmbito nacional com as seleções. Nesse sentido, vê-se uma diferença clara entre a relação dos torcedores com seus times e com suas respectivas seleções. Essa diferença nasce no modo em que o torcedor do clube e o torcedor da seleção formam-se. No caso do clube, na infância somos conduzidos a escolhê-lo, sendo alvos de forte argumentação de outros torcedores com identidades já consolidadas que veem nas crianças potenciais novos companheiros de torcida. Não são raras as vezes em que vemos recém nascidos saindo da maternidade já com seu mini fardamento, numa clara tentativa de garantir a manutenção e a continuidade do apoio ao seu time do coração. É patente que nem sempre a criança segue a tradição ou a vontade dos familiares, porque de alguma forma decide que se identifica mais com outra opção.

À vista disto, compreende-se que desde cedo os brasileiros têm contato com o universo do futebol. Damo (2001) cita uma pesquisa sobre marcas mais lembradas feita com crianças no Rio Grande do Sul que, ao perguntar qual time de futebol elas lembravam, todas souberam responder citando um nome. Ainda que limitado ao

público gaúcho, o resultado demonstra a prematuridade da inicialização dos torcedores e reforça a ideia de que o futebol é um aspecto social que cerca a formação das identidades. Damo acrescenta que uma vez feita a decisão, deve-se arcar com as consequências e mantê-la, havendo represálias contra quem muda de ideia. No exercício dessa decisão, o autor defende que “o ‘pertencimento’ clubístico é uma máscara social” (DAMO, 2001, p. 88), permitindo que se digam e façam coisas que sem a máscara não seriam feitas. Isso ocorre porque cria-se a oportunidade de usufruir um anonimato individual, uma vez que aquele que veste a máscara já não expressa-se mais apenas por si mesmo, mas também pelo grupo.

Os clubes de futebol simbolizam um pertencimento social com características específicas, demandando dos torcedores uma lealdade por toda a vida ("Uma vez Flamengo, Flamengo até morrer.."). Muitas vezes, os locutores esportivos se referem à torcida de um clube como "nação" ("nação colorada", "nação rubro-negra" etc, de acordo com as cores do clube), ressaltando este sentido de "comunidade reunida" em torno do pertencimento afetivo a um grupo, a um sentimento coletivo compartilhado, no caso, mediado pelo "time do coração". (GASTALDO, 2006, p. 92)

Isto posto, escolher o clube por quem irá torcer é também assumir uma identidade coletiva e definir com quem será compartilhada essa identidade, tendo lealdade com seus pares e com a instituição.

1.3. O cidadão se torna torcedor

Contudo, a escolha (a existência de alternativas) é a diferença essencial entre o torcedor do clube e o torcedor do selecionado nacional. Apesar de óbvia, essa distinção implica uma outra dinâmica de identificação e de representatividade, tendo no segundo caso a necessidade de agentes que fogem do circuito familiar para ocorrer. À exceção de um cidadão que possui uma segunda pátria, onde nascemos define a única opção possível de seleção, sendo a decisão ofertada apoiá-la ou não. Logo, decidir por apoiá-la está condicionado ao quanto nos sentimos pertencentes àquela nação, isto é, o quanto nos identificamos com essa coletividade e fazemos parte desse “nós” que é a pátria. Nesse sentido, a seleção apresenta-se como uma ferramenta de promoção da identidade nacional, uma vez que, ao se colocar como representante daquele povo dentro de um campeonato, passa a ser uma vitrine de quem somos e quem o outro é.

Construir essa representatividade é o que garante o sucesso do esporte enquanto espetáculo de massas, é o que faz um cidadão comum se tornar torcedor,

enxergando a si próprio em campo, ainda que sua posição mais próxima do gramado seja a arquibancada. Ademais, na medida que sente-se representado pelo seu time, vê o outro (o seu adversário) representado também, extremando duas identidades que tendem a ser, pelo menos no momento daquela disputa, opostas.

Além da tensão estrutural instaurada entre um "eu" e um "outro", dramatiza-se a questão da representação, pois a disputa, no espectro do esporte de espetáculo, é sempre entre "alguém que me representa" (portanto, um outro) contra "aquele que representa o outro" (com o perdão do silogismo, o outro do outro). (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 38)

Deste modo, o jogo de representações dentro do campo se torna atrativo na medida que é o reflexo de relações sociais intrínsecas da vida coletiva, isto é, da convivência com o outro, com o diferente. Por isso, as rivalidades e as afinidades manifestam-se nas disputas esportivas, fazendo com que o reconhecimento de quem *nós somos* e de quem *eles são* vá muito além do desempenho dos times.

Nessa dinâmica, o futebol incentiva a dualidade “nós” e “eles” e, no caso das seleções, nossa pátria e as outras nações, respectivamente. Numa Copa do Mundo, simbolicamente, não disputam os jogadores do país A contra os jogadores do país B, mas sim os próprios países. Em vista disto, questiona-se como acontece a transformação do time em nação, ou seja, de que forma um grupo de atletas e profissionais técnicos conseguem fazer-se representantes de milhões de pessoas e com tantas diferenças regionais, como é o caso de um território tão grande e multicultural como o Brasil. Uma das hipóteses é a do sucesso do futebol enquanto modalidade esportiva que atrai, como supracitado, desde a infância tanto como atividade de lazer quanto como espetáculo (entretenimento). Como Damo e Oliven (2014, p. 33) apontam:

O futebol não é apenas uma das modalidades que compõem a constelação esportiva. Salvo algumas exceções, ele é o esporte nacional, não apenas o mais praticado e assistido, mas também o eleito para dramatizar os dilemas coletivos. (DAMO; OLIVEN, 2014, p. 33)

Portanto, pensando na centralidade do futebol apontada pelos autores, o fato de ser tão popular seria um dos motivadores para a identificação da população com a seleção num campeonato de nível mundial como a Copa do Mundo FIFA e, ainda, como fator de união ao ser compartilhado em todo o território.

Contudo, o presente trabalho concentra-se no caso do uso dessa identidade quando já consolidada, por agentes alheios ao futebol que visam capitalizar essa representatividade. Neste caso, tendo como contexto a Ditadura Militar, esses agentes são os próprios militares, em especial o presidente Emílio Garrastazu Médici e o palco desta relação é a Copa do Mundo FIFA de 1970. Esta foi a nona edição deste torneio — que pode ser considerado o mais importante do calendário futebolístico — ocorrida no México entre os dias 31 de maio e 21 de junho.

2. MÉDICI: UM HOMEM COMUM NA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

2.1. O governo de Emílio Garrastazu Médici

Depois de um derrame sofrido pelo presidente Costa e Silva em 1969, o Brasil precisava de um novo governante e os militares não acreditavam que seu vice, Pedro Aleixo, deveria assumir o posto. Por isso, uma junta militar é formada para administrar o país temporariamente, até que o gaúcho de Bagé Emílio Garrastazu Médici fosse escolhido e empossado. No entanto, tendo sido nomeado presidente por uma questão emergencial, não viria a deter sozinho o poder, além de não ter sido eleito através de um processo democrático e popular. Por esses motivos, precisava promover sua imagem perante o povo e cativar o apoio ao seu mandato, para que tivesse sua liderança política legitimada pela nação. Nesse sentido, buscou em aspectos culturais, como o futebol, um ambiente propício à identificação dos brasileiros consigo e ao sentimento nacionalista, assim conseguindo governar e combater a oposição.

O primeiro ano de Médici como presidente foi marcado por muitas alegrias e vitórias, trazendo uma sensação de que o Brasil caminhava em direção, sem obstáculos, ao progresso. A começar pelo campo da economia, é impossível falar sobre seu governo sem citar o famoso “milagre econômico”, em que a riqueza do país cresceu ininterruptamente até 1973, sofrendo forte urbanização e aumento do consumo (BARROS, 1992). Nas camadas mais ricas da sociedade, via-se uma multiplicação de suas fortunas, além do surgimento imediato de outras pela especulação imobiliária, por exemplo. Já as camadas centrais sentiam ter mais possibilidade de compra e, junto dos trabalhadores especializados, beneficiavam-se da grande oferta de empregos.

Essa oferta vinha das fábricas, uma vez que esse crescimento econômico propiciou o desenvolvimento da indústria nacional, diminuindo consideravelmente o desemprego. Contudo, toda essa prosperidade, maquiada pela propaganda produzida pelo Regime Militar, foi possível às custas do endividamento externo (SOUZA, 2008, p. 225), que levaria bons anos para ser controlado. Além disso, com a riqueza concentrada em 25% da população (BARROS, 1992), o “milagre econômico” não chegou às camadas mais populares e mais pobres, que continuaram sofrendo com a desigualdade social e o descaso por parte do governo.

As cidades cresceram desordenadamente; os supermercados se tornaram referências de consumo para a classe média; bairros operários surgiram; e, embora não acompanhasse o crescimento da classe média, o nível de renda do setor operário teve uma relativa melhoria. (SOUZA, 2018, p. 225)

Deste modo, a maquiagem feita pela publicidade criava um ambiente de esperança e fé no futuro brasileiro, exaltando os feitos do governo e deixando oculta essa realidade econômica controversa.

A publicidade explorada pelos militares foi produzida pela AERP: Assessoria Especial de Relações Públicas, fundada em 1968. Essa instituição que funcionava como um Ministério da Propaganda (BARROS, 1992) era responsável por montar a imagem de Médici e dos militares no geral a fim de legitimar um governo que não foi escolhido pelo povo e que, por isso, necessitava de aprovação popular para sua manutenção. A AERP, comandada pelo também militar Octavio Costa, atuava fazendo documentários, propagandas e reportagens que propagavam a ideia de que o Brasil estava a caminho de ser a nova grande potência mundial, que o progresso era uma certeza e destilavam um patriotismo excessivo. Nesse orgulho exacerbado, aqueles que criticavam ou iam contra o regime seriam inimigos da nação e estavam atrapalhando o desenvolvimento.

“Surgiram, assim, os famosos *slogans* ufanistas “Você Constrói o Brasil!”, “Ninguém Mais Segura Este País”, “Brasil, Conte Comigo”, e o mais fascista deles: “Brasil Ame-o ou Deixe-o”, criado logo após a decretação da pena de banimento perpétuo para presos políticos”. (BARROS, 1992, p. 60 e 61)

Desta forma, com lemas nacionalistas, agressivos e fascistas, os militares por meio da publicidade mostravam que tipo de patriotismo eles buscavam, ou seja, quem é o cidadão brasileiro ideal, sendo este passivo perante o governo e engajado com o projeto de desenvolvimento nacional.

É importante pontuar que essa propaganda chegava na população e de certa forma era efetiva na formação da opinião popular. Barros (1992, p. 60) aponta que em “1960, apenas cerca de 9,5% das residências urbanas tinham televisão, mas em 1970 já chegavam a 40%.” Deste modo, vemos que Médici contou, já no início do seu governo, com a possibilidade de chegar na casa de quase metade da população através da televisão. Para além da produção da AERP, o autor também indica que a Rede Globo, presente até hoje como a maior emissora brasileira, esteve ao lado do presidente servindo sua estrutura jornalística para favorecê-lo. Nas programações, o

discurso era de que, além do crescimento econômico que propiciou melhores condições de vida, o país agora dispunha de maior segurança financeira e da sua família, por isso a limitação das liberdades individuais estariam justificadas:

O indivíduo abria mão, conscientemente, a favor do poder absoluto do Estado, de suas prerrogativas de cidadão, particularmente da liberdade e do direito de opinião, recebendo em contrapartida, a garantia de paz e segurança para si e sua família e o direito à preservação de algum patrimônio dentro de uma economia dirigida. (BARROS, 1992, p. 61)

Nessa perspectiva, o Regime Militar vinha numa crescente no que se refere à limitação das liberdades individuais: em 1968 havia sido imposto o Ato Institucional nº5, o mais cruel de todos os outros dezesseis, que dava direitos excessivos ao presidente. A partir dele, o presidente Artur Costa e Silva fechou o Congresso Nacional, retirou a garantia de habeas corpus, podia cassar mandatos e influir na política de estados e municípios. Ademais, em 1970 já haviam denúncias de torturas e prisões injustas, feitas sem mandados de justiça e de forma violenta. Por isso, este seria mais um motivo pelo qual Médici precisava de campanhas publicitárias favoráveis ao seu governo. Campanhas que estimulassem confiança e fé no trabalho feito, além do espírito patriota, que engajaria a população nesse projeto de nação implementado pela “revolução de 1964”, isto é, pelo golpe civil-militar.

Essa confiança, então, viria da publicidade das vitórias do governo não só no campo econômico ou no campo da segurança, mas também, literalmente, em campo: o futebol seria usado como conexão entre a população e o governo, especialmente na figura de Médici. Nesse esporte, já adorado pelos brasileiros, o presidente viu uma oportunidade de promover o sentimento nacionalista nos cidadãos, além da identificação com ele. Assim, na Copa do Mundo FIFA de 1970, realizada no México, a performance da seleção foi amarrada à imagem do Brasil e de sua administração, fazendo com que o troféu Jules Rimet não significasse apenas um título esportivo, mas também a lembrança de que valia a pena confiar o país aos militares.

2.2. O contexto da Copa do Mundo FIFA 1970

A Copa do Mundo FIFA de 1970 aconteceu no México, entre os dias 31 de maio e 21 de junho. O técnico da seleção brasileira contratado pela CBD¹ foi o jornalista João Saldanha, tendo sido uma escolha notável uma vez que este era “comentarista esportivo popular e de grande prestígio, (...) era famoso por seu “gênio esquentado” e por ser militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB)” (PEREIRA, 2012, p. 3). Assim, foi um fato curioso terem chamado um profissional declaradamente contrário ao regime e com histórico de rugas com o presidente. Entretanto, Saldanha não durou até o campeonato na posição, muito por seu desempenho insatisfatório, e foi substituído por Mário Jorge Lobo Zagallo. Este, conhecido pela célebre e polêmica frase “você vão ter que me engolir” em 1997 na conquista da Copa América, estava em sintonia com os pressupostos dos militares e manteve a formação do time do seu antecessor. Entre os 22 jogadores convocados, estavam Carlos Alberto (capitão do time), Everaldo, Rivellino, Jairzinho, Piazza, Brito e, é claro, Pelé.

A nona edição da Copa do Mundo FIFA contava com algumas novidades: os cartões amarelo e vermelho sinalizando as penalidades e a possibilidade de substituição de dois jogadores por partida independente da posição (GALEANO, 2004, p. 134). Para o Brasil, era a possibilidade de superar o fracasso do campeonato de 1966, em que não passou da fase de grupos. Vale lembrar que esta edição sucedeu duas vitórias do selecionado brasileiro e por isso foi uma grande decepção para os torcedores. Ademais, como citado por Galeano, além do Brasil, outros três países campeões — Itália, Alemanha e Uruguai — enfrentaram-se nas semifinais, assim ganhar a taça Jules Rimet significava diferenciar-se dos demais, uma vez que seríamos os primeiros tricampeões e a taça então ficaria no país². Para fechar, essa seria a última copa jogada por Pelé: a despedida do herói que tinha participado das duas conquistas anteriores.

¹Confederação Brasileira de Desportos: instituição responsável por liderar os esportes no Brasil e, conseqüentemente, pela seleção brasileira de futebol. Em 1979, a CBD desmembrou-se para atender à decisão da FIFA de que cada país deveria ter uma entidade encarregada apenas de cuidar do futebol, dando início à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) (BERNARD, 2022).

² Com a vitória brasileira, a taça Jules Rimet ficou definitivamente no país, mas foi roubada posteriormente e derretida, estando hoje substituída por uma cópia (GALEANO, 2004, p. 134).

2.3. O presidente torce junto

Diante disso, fica clara a importância da Copa do Mundo FIFA de 1970 para os torcedores brasileiros, especialmente aquele que mais fez questão de demonstrar seu apoio à seleção: o presidente Médici. Gremista, era amante e conhecedor do futebol e até jogou como atacante no Grêmio de Bagé (GUTERMAN, 2006, p. 58). Através da AERP e da imprensa em geral, o presidente fazia questão de ressaltar essa paixão: “na mídia, Médici aparecia sempre como um apaixonado pelo esporte mais popular do país” (GUTERMAN, 2006, p. 60). Como destaca Agostino:

Grudado no radinho de pilha, foram várias as vezes em que o presidente se arriscara a frequentar estádios lotados, não raro sendo anunciada a sua presença pelos alto-falantes. Promovia-se assim uma importante estratégia de propaganda da Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), no sentido de transformar o presidente em Torcedor Número 1 da nação, articulando os êxistos futebolísticos à imagem de Brasil-Potência que o governo se esforçava em difundir. (AGOSTINO, 2002, p. 158)

Estas foram algumas das características utilizadas para formar a imagem de Médici enquanto um torcedor comum, ressaltando a brasilidade que ele compartilhava com os brasileiros (GUTERMAN, 2006, p. 57). Desta forma, valia-se da cultura e do esporte para criar uma conexão identitária e unificadora com o povo.

A pesquisa de Guterman (2006) demonstra justamente esse apelo à trivialidade do ser torcedor exercida por Médici. O presidente usava a linguagem comum para referir-se às situações ocorridas na Copa, além de sempre ressaltar a representatividade da seleção, usando a primeira pessoa do plural, “nós”, sempre que mencionava o time ou os jogadores. Inclusive, procurava manter contato com a delegação, incentivando o time e exprimindo seu apoio e sua confiança. Além disso, como citado pelo autor, o presidente ainda levava os temas e a jocosidade do futebol para eventos formais com autoridades, quebrando muitas vezes os protocolos. Ainda:

Um outro aspecto que aproximava Médici dos demais torcedores era seu hábito de dar palpites sobre todos os jogos da seleção (...) Como o resultado viria a se confirmar, reforçou-se a imagem não só de que Médici era um torcedor de futebol, mas realmente entendia de futebol e se relacionava com o esporte da mesma maneira que todos os outros brasileiros. Quando o jogo acabou, em meio à festa pela conquista, o presidente fez questão de lembrar aos que estavam a seu lado que

acertara o prognóstico, coisa que todo torcedor faz.
(GUTERMAN, 2006, p. 61)

Sendo assim, fica evidente a estratégia da propaganda empregada pelo governo de exibir Médici como um torcedor normal e apaixonado pelo futebol e pelo país, assemelhando-se ao povo e apresentando-se como um líder popular.

Conforme Guterman também indica, o apoio do presidente Médici não terminou com o campeonato, pois depois da vitória da seleção — que ganhou da seleção italiana por quatro a um — ele ainda teria mostrado seu apoio e seu agradecimento dando benefícios aos atletas:

Tanto interesse que, quando a seleção venceu a Copa, o presidente Médici entregou a cada jogador, por meio da Caixa Econômica Federal, um cheque de 25 mil cruzeiros (o equivalente hoje a 20 mil reais), numa atitude que não mereceu reparos à época, apesar da evidente irregularidade. (GUTERMAN, 2006, p. 67)

É necessário entender que esta não era (e continua não sendo) uma prática institucionalizada e abarcado pela legislação, assim sendo um uso do dinheiro público totalmente questionável e até mesmo extralegal.

Outro benefício mencionado por Guterman e igualmente discutível diz respeito a vista grossa pedida pelos jogadores sobre seus bens:

“Sabendo disso, os jogadores tentaram aproveitar a situação e pediram ao presidente, por meio do capitão do time, Carlos Alberto, um “jeitinho” de escapar do pagamento de impostos sobre seus salários “até o fim da carreira” e a “solução para alguns problemas surgidos com a alfândega”. (...) Essa relação se acentua em duas circunstâncias: quando os clubes estão em crise financeira ou quando interessa ao governo ampliar sua influência -- e, em geral, essas duas condições se dão ao mesmo tempo, como ocorreu naquele ano, 1970.”
(GUTERMAN, 2006, p. 69)

Assim, essa atitude demonstra a compreensão do governo sobre a importância do futebol e o impacto do desempenho bem-sucedido da seleção na Copa do Mundo, pois não fica claro se houve uma preocupação quanto a legalidade de tal doação. Tal doação não é confirmada com certeza por outros autores da área, mas o fato de pelo menos a ideia ter sido pensada já confirma a consciência de Médici e sua relação com o esporte.

Posto isto, a Copa do Mundo FIFA de 1970 foi uma oportunidade de conceber a imagem de Médici enquanto torcedor ávido pela seleção e aproximá-lo do povo, usando dessa torcida para promover as características de brasilidade e de homem

comum deste. Outros políticos também aproveitaram o cenário para alavancar sua popularidade (GUTERMAN, 2006), uma vez que naquele ano haveria eleição para o congresso. O campeonato, nesse sentido,

“tratava-se de uma oportunidade única não só de explorar politicamente o sucesso do Brasil no campo esportivo mas de mostrar que as manifestações populares que se seguiram à conquista do tricampeonato eram a melhor prova de que o país vivia sob um regime democrático.”
(GUTERMAN, 2006, p. 66)

Assim o futebol, nesse caso a Copa, se mostrava um palco importante para muito mais do que o próprio esporte, mas também para o discurso político e para propaganda do governo, aproximando personalidades da população.

2.4. Outros casos de uso político do futebol: Getúlio Vargas e Jorge Videla

Outros líderes políticos em edições anteriores e posteriores, no Brasil e no mundo, utilizaram o momento da Copa do Mundo para promoção da sua administração, tanto dentro como fora do seu respectivo país. Os episódios da Copa do Mundo de 1938 com Getúlio Vargas e da Copa de 1978 com Jorge Videla são emblemáticos para compreensão do caso da Copa de 70, uma vez que o primeiro diz respeito ao fato ocorrido no Brasil por um líder conhecidamente populista e o segundo a um ocorrido também durante uma ditadura militar em outro país latino-americano, a Argentina.

Vargas chegou ao poder através de um golpe em 1930 e deparou-se com um país dividido por questões culturais e econômicas, característica da República Oligárquica. Para superar esses regionalismos e estimular o sentimento nacionalista, explorou manifestações da cultura brasileira como o futebol, em busca de fortalecer e legitimar seu poder. Afinal, como um populista, um ambiente em que incita-se a emoção e que milhares de pessoas reúnem-se por motivos passionais é um palco perfeito para publicitar sua figura e seus atos. Getúlio também buscou incentivar o esporte através de investimentos, oportunizando a profissionalização dos jogadores. Além disso, na Copa do Mundo de 1938 e de outros campeonatos internacionais, ampliou o acesso às notícias sobre o desempenho da seleção por meio das rádios. Assim, o presidente utilizou da seleção como ferramenta de coesão nacional, o que pode ser visto no discurso dos jornais da época, que propagavam a união do povo brasileiro e confirmavam a representação do país pelo selecionado:

“Quando Leônidas vasou o quadrado tcheco, todo o Brasil vibrou, como se pelo vasto território nacional passasse uma corrente elétrica. Quarenta e cinco milhões de almas estuaram de entusiasmo, palpitarão num só anseio, entregaram-se a uma alegria louca, na mais eloquente demonstração de que a unidade nacional tem um sedimento inquebrantável.” (Jornal do Brasil, 15 de junho de 1938, p. 9)

Essa contribuição do esporte na articulação nacional e a superação de regionalismos foi significativamente favorável para a popularidade do Presidente Getúlio Vargas, na medida que este soube vincular a sua imagem e a sua liderança aos êxitos e boas performances da seleção.

Na Argentina, com a ascensão ao poder dos militares, era considerado imperativa uma “refundação nacional” (MAGALHÃES, 2019, p. 679), com a eliminação de todo “inimigo” que colocasse em perigo a ordem. Esse inimigo, obviamente, eram os opositores do regime autoritário de Videla, que eram detidos, torturados e assassinados, marcando com crueldade e violência esse período. O desrespeito aos direitos humanos na Argentina era de conhecimento internacional, construindo uma imagem indesejável pelo regime, que até acusou estar sofrendo “uma campanha externa contra o país” (MAGALHÃES, 2019, p. 679) para defender-se. Nesse sentido, os militares argentinos viram na Copa do Mundo de 1978, que seria sediada pelo país, uma oportunidade de promover coesão nacional e melhorar a reputação perante a população e o mundo.

Para receber o evento, o governo argentino investiu fortemente em infraestrutura e outros aspectos, criando dois anos antes o Ente Autárquico Mundial 78 (EAM 78), responsável pela organização do campeonato. Entre as medidas tomadas, estavam a construção e a reforma de estádios e a disponibilização de recursos para tecnologia de transmissão dos jogos. No entanto, embora fosse uma entidade do Estado, isto é, pública, o EAM 78 não precisava prestar contas acerca de seus gastos, o que explica o valor exorbitante gasto para execução de suas ações. Mesmo assim, com a vitória da Argentina em casa, o Regime Militar conseguiu vincular-se ao êxito da seleção, fazendo com que o primeiro título do país significasse uma conquista para o governo também. Provisoriamente, com a conquista Videla alcançou uma razoável (e temporária) união e harmonia dentro do território nacional, além de ter renovado positivamente sua imagem externa. Quando o presidente entregou a taça para o capitão da seleção argentina Passarella, o

locutor do estádio disse “a demonstração do povo argentino, de que a unidade nacional foi mantida, e o grande exemplo de organização e fraternidade dado pela nação” (Jornal do Brasil, 26 de junho de 1978, p. 1), num claro discurso nacionalista e apaziguador, sinal de sucesso na capitalização da vitória pelos militares.

Os dois exemplos corroboram com a teoria de que o futebol, ao ser identificado como manifestação cultural importante, mostra-se eficiente como meio de propagação de algum discurso. Nos casos trabalhados pela presente pesquisa, o discurso buscado é o que estimula o nacionalismo e o amor pela pátria, mas ainda não é o produto final alcançado. O nacionalismo propicia, pois, o engajamento da população com o projeto de país almejado pelos governantes e, principalmente, concede apoio e legitimação para estes. Dessa forma, retornando ao caso da Copa do Mundo de 1970 e dando luz a sua relação com a ditadura militar brasileira, percebe-se o empenho de Médici não só em cativar o povo, mas também difundir características do cidadão ideal, que prezasse mais pela técnica e pela disciplina do que pela criatividade e pela emoção.

2.5. A disciplina e a técnica como valores nacionais e identitários

Nesse caminho, a preparação técnica eficiente dos jogadores da seleção deu material para propaganda militar que defendia a disciplina e a técnica como caminho a ser trilhado pelo Brasil em outras áreas. Essa preparação foi decisiva principalmente por focar na questão da altitude, uma vez que jogar no México requer uma resistência física diferente de jogar no Brasil ou na Europa. Posto isto, esta foi uma novidade em comparação às edições anteriores, tendo em vista que “a Comissão Técnica (...) teve à sua disposição as teorias mais avançadas sobre treinamento físico e sobre adaptação em altitude na época” (BARTHOLLO; SALVADOR; SOARES, 2006, p. 105). Esse treinamento utilizou o método *Altitude Training*, tendo como principal nome o professor Lamartine Pereira DaCosta. O método visava preparar os atletas a partir de diferentes aspectos, como alimentação, condições climáticas, saúde psicológica e efeitos da altitude em cada um individualmente (BARTHOLLO; SALVADOR; SOARES, 2006, p. 110). Conforme o trabalho de Bartholo, Salvador e Soares, vemos que essa preparação foi muito valorizada e amplamente disseminada pela mídia na época, não apenas observando a eficiência da metodologia frente aos resultados do time, mas também procurando a Comissão Técnica para relatar as atividades executadas. Assim, “ficava nessas

páginas marcada a entrada dos conhecimentos científicos aplicados ao treinamento no futebol” (BARTHOLLO; SALVADOR; SOARES, 2006, p. 112), o que ia de encontro com o discurso do governo em prol do desenvolvimento nacional.

Bartholo, Salvador e Soares abordam, também, a forma como é lembrado nos dias de hoje a performance da seleção, em que, contrariando o pensamento da época, a “arte” do jogador brasileiro é privilegiada em detrimento da técnica. Em outras palavras, o desempenho da seleção de 1970 teria dado-se puramente pela genialidade dos atletas, esquecendo dessa forma o trabalho da Comissão Técnica e os conhecimentos científicos empregados. Os autores, nessa linha, defendem que

(...) a memória no futebol e em outras esferas sociais, funciona como ligação do passado com o presente e como elo entre diferentes gerações. Longe de ser estático esse processo, a reconstrução da memória é um local de lutas. Os jornais ao esquecerem o processo de racionalização do treinamento de 70, reforçam a imagem que alimentamos sobre “nós mesmos” do autêntico e puro futebol nacional. (BARTHOLLO; SALVADOR; SOARES, 2006, p. 119).

Sendo assim, esse estudo da memória atual sobre a Copa de 70 corrobora com a teoria de que o futebol consegue dizer-nos quem somos enquanto coletividade e enquanto indivíduo, podendo ser usado dessa forma para benefício do discurso que seja interessante para algum grupo. Enquanto no quando da realização do campeonato o governo utilizou o esporte para valorizar a técnica e a disciplina, estimulando um reconhecimento do “ser brasileiro” nestes termos, hoje em dia o mesmo fato ocorrido é visto como sinal de um “ser brasileiro” diferente.

Por outro lado, Souza (2018) defende que o discurso que valorizava a técnica não era o único presente no período: havia uma tradição de intelectuais inspirados pela obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, que compreendiam a essência do brasileiro na mestiçagem. A partir desse pensamento, a mestiçagem traria aos brasileiros o talento natural, para o esporte e, principalmente, para o futebol. Essa teoria era um obstáculo para as ambições desenvolvimentistas do governo, uma vez que deixavam a disciplina, o treinamento e a dedicação dos jogadores em segundo plano. Por esse motivo, a propaganda governamental e a mídia estiveram empenhadas em superar esse discurso, como supracitado, mas sem descolar-se da sua identidade miscigenada.

O tecnicismo e o disciplinamento do corpo, antes considerados exógenos, fora das tradições brasileiras,

passaram a ser incorporados a uma noção de modernidade que não se desvinculava da tradição. Assim, a seleção brasileira, como metáfora da sociedade, conseguia ficar historicamente ligada às suas origens miscigenadas e construía algo de novo porque era tecnologicamente moderna. “ (SOUZA, 2018, p. 228)

Portanto, seguindo os trabalhos mencionados, é inegável a capitalização do desempenho brasileiro na Copa pelos militares nesta perspectiva da tecnocracia, em que a qualidade técnica vinda do treinamento e da disciplina são usados como exemplo do que é ser — ou do que deveria ser — brasileiro. Essa identidade defendida era, pois, a que melhor atendia às necessidades e às aspirações militares.

2.6. Torcer pela seleção, lutar pela pátria: pra frente, Brasil!

A Assessoria Especial de Relações Políticas (AERP), conforme já mencionado, era o órgão do governo encarregado em fazer o meio de campo entre a população e o governo. Comandada e formada por militares, além de especialistas na área da comunicação, a AERP produzia conteúdos publicitários que defendiam a dualidade entre moderno e tradicional da essência do brasileiro (SOUZA, 2018, p. 229). A instituição buscava criar “uma atmosfera de aprovação, de contentamento com os rumos que os militares iam traçando para o país” (SOUZA, 2018, p. 230). Para isso, Souza destaca que eram feitas propagandas muito bem feitas e atraentes, que prendiam a atenção do público e terminavam com algum slogan otimista e de fácil memorização, como “você constrói o Brasil”. O conteúdo dessas propagandas sempre exaltavam alguma característica brasileira valorizada pela ideologia militar e apontavam para o tipo de cidadão que o país merecia, sempre atendendo ao interesse do projeto de nação do governo. Também estimulavam o sentimento patriótico e a coesão nacional, dando ênfase aos aspectos compartilhados por toda a população.

O órgão promovia não só os militares como grupo, mas também figuras específicas como o presidente Médici, neste caso exaltando sua simplicidade e publicizando uma imagem de homem comum, como qualquer brasileiro. Nesse sentido, Souza destaca que o próprio dirigente da AERP, o militar Octávio Costa, escrevia os discursos do presidente, sempre explorando a identificação com o povo, inclusive nas manifestações da copa de 1970, além de garantir que Médici aparecesse nas fotos com os jogadores e fosse visto pela população como um torcedor ávido, que compartilhava com todos os brasileiros a mesma alegria pela

conquista da taça. Assim, o presidente impulsionava sua identificação com o povo e fortalecia sua posição de poder, visto que não foi eleito democraticamente.

Isto posto, a música “Pra frente, Brasil!, tema da campanha brasileira na Copa, é um claro exemplo de uma política de valorização da seleção com a intenção de vincular a sua representatividade ao governo:

“Noventa milhões em ação
Pra frente Brasil, no meu coração
Todos juntos, vamos pra frente Brasil
Salve a seleção!!!
De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu
a mão!
Todos ligados na mesma emoção, tudo é um só coração!
Todos juntos vamos pra frente Brasil!
Salve a seleção!
Todos juntos vamos pra frente Brasil!
Salve a seleção!
Gol!”

No primeiro verso, já é visível a assimilação do povo pela seleção, como se os noventa milhões de habitantes estivessem simbolicamente em campo quando aqueles onze jogadores selecionados jogassem. O restante da letra reforça que o país está unido por um mesmo objetivo, que, teoricamente, seria apoiar a seleção, mas vai muito além, sendo também o apoio ao desenvolvimento do próprio país. Ademais, o verso “vamos pra frente Brasil”, vai de encontro com todo o restante da propaganda militar, que sempre busca na população atitude e engajamento com o crescimento da nação. Dessa forma, todo discurso militar propagado através da mídia objetiva alcançar apoio ao governo, unidade nacional e representatividade dos líderes pelo povo.

3. A MÍDIA EM PROL DO GOVERNO MILITAR: ANÁLISE DE JORNAIS

3.1. Os jornais escolhidos como fonte

Como discutido anteriormente, a propaganda foi uma forte aliada da Ditadura Militar brasileira, que encontrou na televisão, na rádio e no jornal uma forma de falar despreziosamente com a população, exaltando os feitos do governo e escondendo seus crimes oriundos da repressão e limitação das liberdades individuais. Nesse sentido, reportagens de jornais do período foram selecionadas e analisadas, buscando as tentativas do governo, principalmente do presidente Médici, de capitalizar o sucesso da seleção brasileira e promover sua imagem. Num primeiro momento, foram escolhidos dois jornais: Jornal do Brasil (JB) e O Globo. Porém, optou-se por privilegiar aqui as matérias do jornal O Globo, examinando a linguagem escolhida pelo periódico nos textos e nas imagens, referentes à Copa, à seleção e às aparições do governo.

O Grupo Globo, enquanto empresa privada comandada por Roberto Marinho, esteve como já dito em sintonia com os militares, deixando à serviço do governo a sua estrutura jornalística. Neste caminho, o jornal O Globo, propriedade da emissora, demonstrou-se totalmente alinhado às aspirações dos ditadores brasileiros. Na Copa do Mundo de 1970 não seria diferente: o jornal deu amplo foco ao evento sempre destacando Médici como um torcedor ferrenho e fiel, usando o discurso nacionalista. Nas reportagens sobre as vitórias brasileiras³, sempre aparece um comentário ou uma mensagem de Médici, além de relatos sobre como o presidente acompanhou as partidas, pois em algumas ocasiões havia cobertura de perto do jornal. Ademais, sempre destaca-se a capacidade física e o preparo dos jogadores, sem negligenciar o futebol-arte, que caracterizava o Brasil.

O Jornal do Brasil, também carioca, por sua vez, apresenta-se de forma menos parcial no que diz respeito à relação entre o presidente e o time. Por um lado, usa forte linguagem nacionalista e, na reportagem sobre a chegada da delegação, não poupou imagens de Médici com a taça e com os atletas. Por outro lado, as notícias sobre as outras partidas não dão tanto foco ao presidente e ao governo com associação à seleção brasileira. Na relação do jornal com os militares houve muitos momentos de embate, visto que o primeiro era crítico com as atitudes do governo,

³ Ao total, foram seis partidas disputadas pelo Brasil, que venceu todas.

que respondia com repressão, perseguição e censura. Todavia, não deixava de elogiar aquelas que julgava favoráveis ao país:

“Durante a década de 1960, em que o Brasil vivencia o início do regime militar, o JB buscou manter sua independência, apoiando medidas político-econômicas com as quais concordava e criticando as que considerava inapropriadas ou abusivas. Durante o período, o JB sofreu represálias, censuras prévias, perseguições e prisões de colaboradores, assim como outros periódicos do país.” (SPANNENBERG; BARROS, 2016, p. 5)

3.2. A cobertura da Copa do Mundo e o discurso jornalístico

Durante o mês de junho do ano de 1970, a presença de notícias sobre a Copa do Mundo do México foi regra. Imagens do selecionado jogando e treinando eram frequentes, além de registros de outras seleções. Ademais, como dito previamente, o jornal O Globo sempre trazia um comentário de Médici, ou então um relato sobre sua torcida pela seleção brasileira. Dois dias antes do primeiro jogo do Brasil, o jornal já trazia a manchete “Mensagem de Médici” (Figura 1) para anunciar o recado que o líder enviava à delegação:

Mensagem de Médici

BRASÍLIA (O GLOBO) - O Presidente Médici e um grupo de assessores assistiram, na tarde de ontem, no Palácio da Alvorada, a transmissão da abertura da Taça do Mundo o jogo México x União Soviética com imagens à côres, graças a um “link” especial da EMBRATEL formado para Brasília.

Depois, ainda no Palácio da Alvorada, o Chefe de Governo assistiu à transmissão de Flamengo x Fluminense.

Mensagem

Tendo em vista a abertura da Taça do Mundo, o Presidente Médici enviou a seguinte mensagem ao Brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da delegação brasileira:

“Na oportunidade da iniciação do Campeonato Mundial de Futebol, a competição que mais sensibiliza a opinião pública internacional, venho pedir-lhe fazer-se intérprete de minha fraterna saudação às delegações de todos os países participantes, com os votos de que a competição possa servir ao ideal de entendimento entre os povos; assim como fazer chegar, a todos os componentes de nossa representação, as expressões de meu incentivo, para que sejam felizes e dignos do grande povo que, à distância, os acompanha em cada momento dessa magna disputa.

Emílio Garrastazu Médici, Presidente da República.”
O Globo, Edição Matutina, Esportes, 1 de junho de 1970,
p. 3

Nesta mensagem, percebe-se uma atitude diplomática do presidente, demonstrando o reconhecimento das seleções enquanto representantes das nações e o campeonato como ambiente de encontro delas. O presidente também destaca essa representatividade no caso do selecionado brasileiro, lembrando que este possui um povo para honrar.

Da mesma forma, no dia seguinte ao jogo do Brasil contra a Romênia, o jornal trazia o relato (figura 2) da preocupação de Médici com o jogador Everaldo, que havia lesionado-se:

Médici aplaudiu vitória e pediu notícias sobre lateral Everaldo

GUADALAJARA (De Denis Meneses, especial para O Globo, via EMBRATEL, pelo satélite) - Mal a partida terminou, o chefe da delegação do Brasil foi convocado para o telefone. Era o Presidente Garrastazu Médici cumprimentando a seleção pela terceira vitória e, também, querendo saber - como um bom torcedor do Grêmio - o que houvera com o Everaldo. O Brigadeiro Jerônimo Bastos informou que o zagueiro sofreu forte torção no tornozelo direito e que, por medida de precaução, encaminhou-se ao exame radiográfico no Clube Guadalajara.

O Globo, Matutina, Geral, 11 de Junho de 1970, página 20

Neste relato, para além da preocupação de Médici com o jogador, o jornal colabora com a imagem de torcedor comum do presidente, uma vez que qualquer um poderia ficar aflito ao ver um atleta de seu clube lesionar-se jogando pela seleção, tendo a possibilidade de prejudicar seu retorno aos campeonatos regionais.

No dia seguinte à vitória do Brasil nas quartas de finais contra o Peru, o jornal noticiou a forma que Médici acompanhou o jogo, mostrando novamente seu lado torcedor:

Médici vibrou no Laranjeiras com a vitória

O Presidente Médici assistiu à vitória do Brasil ontem no Palácio Laranjeiras, cercado de familiares e funcionários dos gabinetes Civil e Militar da Presidência, ao todo 40 pessoas.

O Chefe do Governo vibrou com o triunfo, vendo todos os lances num aparelho em côres cedido pela EMBRATEL. Ao término da partida, quando a alegria era contagiante, a vitória foi comemorada com uma rodada de uísque.

Uma ligação para Guadalajara foi feita logo após com o Brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da delegação brasileira, a quem o Presidente da República cumprimentou efusivamente.

O Globo, Matutina, Geral, 15 de Junho de 1970, página 2
Mais uma vez, Médici aparece como um torcedor genuíno que, vendo o desempenho do seu time, tem a reação passional que espera-se de um apreciador do futebol. Esse apelo do jornal por uma genuinidade da torcida do presidente fica explícito no uso do termo “vibrar”, que quebra o comportamento formal normalmente considerado ser de um presidente.

Depois da vitória contra o Uruguai, vingando a final de 1950 e o “fantasma” do Maracanazo, O Globo usa a mesma estratégia discursiva para referir-se ao presidente (figura 4):

“Goal” nº 2 faz Médici Vibrar: “Essa é nossa!”
BRASÍLIA (O GLOBO) - “Esa é nossa” - gritou o Presidente Médici, abandonando a poltrona de veludo onde assistia ao jogo para abraçar a todos e comemorar o segundo “goal” do Brasil na partida contra o Uruguai. No final, o Presidente comentou com os assessores e familiares presentes: “Bem que eu disse que seria um osso duro. Agora vamos para a final.”

O Presidente manteve a tranqüilidade durante o desenrolar do “goal” de Jairzinho e alegrou-se com o terceiro, de Rivelino. Terminado o jogo, ele acompanhou pelo rádio a prorrogação da partida entre Itália e Alemanha. Depois, ligou para o Brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da nossa delegação no México, e transmitiu-lhe, como brasileiro e torcedor, “o grande abraço”, e como Presidente “o incentivo para a conquista definitiva da Copa do Mundo, no próximo domingo”.

O Globo, Matutina, Geral, 18 de Junho de 1970, página 14

Aqui vemos outra vez Médici saindo da figura formal de presidente e deixando evidente a de torcedor. Essa dualidade é inclusive destacada por ele, quando categoriza sua mensagem nessa dualidade.

Chegando perto da final, Médici (figura 5) junto com personalidades da televisão e outros membros do governo deixaram seus palpites registrados no jornal para o placar da partida decisiva:

Ministros de Estado, dirigentes e artistas de televisão, todos confiam no último desempenho da seleção do Brasil nesta Copa. O Presidente Médici, que assistiu a todos os jogos da “canarinho” pela TV, já deu o seu

palpite: Brasil 4 a 1. O Governador Negrão de Lima fica com os 2 a 0 para o Brasil, Carlos Imperial é pelos 4 a 2, e Abelardo “Chacrinha” Barbosa, 2 a 1. Já o Ministro Andreazza acha que o Brasil vai fazer 4 “goals”.

O Globo, Matutina, Geral, 15 de Junho de 1970, página 2
Os palpites de Médici e de outros políticos, na matéria, são contados junto com os palpites de artistas famosos e aclamados pela opinião do público. Essa associação demonstra não só a estratégia de tornar a imagem do presidente mais popular e de aproximá-lo com a população, mas também o lugar dentro do imaginário social que o chefe do governo se encaixa.

Após a final, com a vitória de 4 a 1 para o Brasil, o jornal O Globo noticiou, na capa (figura 7), que Médici havia dado os dois dias posteriores à vitória como ponto facultativo (figura 8) nas repartições públicas::

Facultativo hoje a amanhã

Os brasileiros terão mesmo um carnaval em junho. Ontem, logo após a conquista da Taça Jules Rimet, o Presidente Médici recomendou ao chefe de Gabinete Civil, Professor Leitão de Abreu, que expedisse portaria considerando ponto facultativo nas repartições públicas, federais e autárquicas, segunda e terça-feiras. Ao dar a ordem, o Presidente frisou que “os brasileiros merecem um carnaval extra e a nossa seleção a homenagem de todos”. O Governo do Estado vai decretar ponto facultativo amanhã, a partir das 14 horas.

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 1
Aqui fica patente a estratégia do presidente de usar a performance vitoriosa da seleção como forma de acercar-se do povo, tanto no que se refere ao ponto facultativo quando a descrição da festa como um “carnaval extra”, conectando-se com expressões culturais brasileiras. E, outra vez, o jornal mostra que Médici é um torcedor engajado, lembrando que acertou o placar da final (figura 9):

MÉDICI ACERTOU O PLACAR

O Presidente Médici, que acompanhou pela televisão todos os jogos da seleção tricampeã do mundo, provou ser mesmo um entendido de futebol ao fornecer na sexta-feira a O GLOBO seu palpite para a finalíssima ontem: Brasil 4x1. Ontem, logo após a emocionante vitória, o Presidente dirigiu a mensagem à Seleção, na qual expressa que, como um homem comum, sente-se profundamente feliz, “pois nenhuma alegria é maior no meu coração que a de ver a felicidade de nosso povo no mais puro sentimento patriótico.”

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 1

Além do acerto, Médici expressa que torcer, homenagear e festejar a seleção é um ato patriótico, ou seja, quem ama a seleção, ama o Brasil. Nesse sentido, relatando que a conquista do troféu tornou-se o dia mais feliz de sua vida, reforça esse patriotismo do próprio presidente, capitalizando o sucesso do selecionado na Copa para autopromoção política.

Logo depois da vitória (figura 10), o presidente ligou (figuras 11, 12 e 13) e enviou uma mensagem (figura 14) à seleção para parabenizá-los, sendo esse episódio registrado pelo jornal:

“Alô, “rei” Pelé. Aqui é o Presidente. Mando o meu abraço a todos. Têrça-feira estou aguardando vocês.” Poucos minutos após o término do jôgo, o Presidente Médici iniciava dessa forma, por telefone, seu diálogo com Pelé. O “rei” ofereceu a vitória ao Presidente. Em meio à euforia, em conversa com jornalistas e instado sôbre como encarava a ação terrorista, o Presidente declarou: “Os terroristas não conseguirão nada. Ninguém segura êste País.” Na mensagem que enviou à Seleção, o Presidente assinalou que aquêle era o dia mais feliz da sua vida, frisando que a vitória se deveu à prevalência de princípios que nos hão de orientar para o próprio desenvolvimento do país.

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 1
Na ligação com o astro do time Pelé, sendo logo após o fim do jogo, o presidente continua promovendo sua imagem de grande apoiador da seleção e, por consequência, do país. Na sequência, defende que os mesmos motivos que levaram a seleção à vitória são os motivos que acompanharão o Brasil num processo de desenvolvimento, indo de encontro com as propagandas típicas do período que exaltavam a potencialidade do povo brasileiro em ser uma das maiores economias mundiais no futuro. E o “fã número um” da seleção brasileira continua:

Torcedor Feliz

Afinal, a ligação foi feita, O Presidente conseguiu falar com o presidente de nossa delegação no México, Brigadeiro Jerônimo Bastos:

-Diga aos rapazes que estou muito feliz, que o Brasil está feliz. Foi uma coisa sensacional. Atenderam o meu palpite de 4x0, e diga que o Presidente agradece. Muito obrigado, Brigadeiro. Hoje é o dia mais feliz da minha vida, e também do Presidente da República.

O Chefe do Govêrno, feliz e descontraído, não se preocupava em formar frases. Ia dizendo o que lhe ocorria, repetindo o que já tinha dito, mãos para o alto, no gesto característico da explosão de alegria do torcedor comum.

A ligação com a Cidade do México não parecia boa. O Chefe do Governo falou duas, três vezes, mas a ligação foi interrompida. Mesmo assim, inteiramente à vontade, entregue à sua grande alegria, afirmou:

-Não faz mal. Eles sabem o quanto estamos felizes, eu e o povo todo.

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 3

Em conversa com o chefe da delegação, também militar, O Globo permanece publicizando a figura de um presidente que cede, como um homem comum, à emoção que o esporte propicia. A linguagem utilizada pelo jornal sempre tende ao patriotismo e une a alegria de Médici à alegria do povo, além de fazer o mesmo com a seleção e o Brasil.

A conversa com Pelé continua na matéria completa, em que Médici manifesta profunda emoção e agradecimento pelo jogador e por seus companheiros:

Diálogo com o “Rei”

-O Presidente estava reunido com os jornalistas dando entrevista, quando foi restabelecida a ligação com a Cidade do México. Travou então com Pelé o seguinte diálogo:

Presidente: Alô, rei pelé, aqui é o Presidente. Mando o meu abraço a todos. Têrça-feira estou aguardando vocês.

Pelé: Estamos emocionados e oferecemos a vitória ao senhor.

Presidente: Vocês deram ao Brasil a maior glória. Na Copa de 72 - aqui no Brasil - a taça se chamará Taça Pelé.

Pelé: Eu fico ainda mais emocionado e espero estar jogando para ganhar também essa.

Presidente: Dê a todos os participantes o meu abraço. Ao grande capitão Carlos Alberto, ao Zagalo e ao capitão Coutinho, que deu a vocês êsse preparo físico fabuloso. Um abraço também ao Brito que é do Flamengo e ao Everaldo, que é do Grêmio. E um abraço a todos, de todos os times. Afinal tudo é Brasil.

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 3

Um ponto interessante nessa conversa aparece no final, quando Médici começa a agradecer nominalmente alguns jogadores. Everaldo por ser do Grêmio, clube para o qual torcia, e Brito do Flamengo, clube do qual tinha afeição. Como a conversa acontece de forma espontânea, sem roteiro, o presidente depois lembra de agradecer a todos sem distinções, pois “tudo é Brasil”. Neste gesto, está implícita a concepção de que a pátria é maior do que os regionalismos, corroborando com o espírito nacionalista intrínseco a todas as manifestações do presidente em relação à

seleção e à Copa. Assim, o grande time do Brasil é a seleção e todos os brasileiros são seus torcedores, incluindo o presidente:

Torcedor igual aos outros

Logo após o término do jogo entre Brasil e Itália, o Presidente Garrastazu Médici, em mensagem dirigida à Seleção afirmou:

“Na hora em que a Seleção Nacional de Futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam, no Presidente da República, um brasileiro igual a todos os brasileiros.

Como um homem comum, como um brasileiro que acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável neste país e neste povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração que a alegria de ver a felicidade do nosso povo, no sentimento da mais pura exaltação patriótica.

E identifico, na vitória conquistada na fraterna disputa esportiva, a prevalência de princípios de que nos devemos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional. Identifico no sucesso da nossa Seleção de Futebol a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade, da capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral. Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva.

Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me todo com alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar em nossa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro.

Emílio Garrastazu Médici

Presidente da República

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 3

A mensagem de Médici dirigida à seleção reforça, agora de forma explícita, a intenção de produzir uma imagem popular de homem comum do presidente. Com um discurso claramente nacionalista, em que a vitória da seleção aparece como vitória do país, defende que valores como união, bravura, inteligência, capacidade técnica e consistência moral são exemplos dados pelo selecionado ao povo e orientam o Brasil para um caminho de desenvolvimento, entendendo que maior do

que os talentos individuais foi a harmonia enquanto coletividade. Por fim, conclui que a conquista do campeonato comprova o valor do próprio brasileiro, assim a seleção, sendo coroando uma campanha admirável com a vitória, é o Brasil confirmando sua potencialidade.

No retorno da seleção brasileira ao país, o governo preparou uma grande festa em Brasília para recebê-la, aproveitando o momento de euforia para associar sua imagem à do time vencedor. Médici proferiu um discurso (figura 16) emocionado aos atletas e posou para as fotos junto com eles (figuras 17, 18, 19, 20 e 21).

BRASÍLIA (O GLOBO) - “Em nome do Brasil, muito obrigado. Vocês mostraram com muita garra e fibra, o que é o nosso grande País. Hoje é o dia da confraternização nacional”, disse o Presidente Médici ao abraçar fortemente o capitão Carlos Alberto, primeiro a subir a rampa do Palácio do Planalto. Foi um abraço comovido. O Presidente queria falar mas não achava as palavras. Em seguida, outro abraço em Zagallo, outro em Rivelino e outro em Brito.

Depois, o Presidente ficou parado com os braços abertos, esperando alguém que vinha como uma criança e subia a rampa correndo. Foi o mais comovido abraço: o Presidente Médici deixou correr as lágrimas e repetiu várias vezes: “Você é o grande herói. É o Rei. Homens como você, Pelé, orgulham o nosso querido País. Que sorte a nossa você ter nascido aqui.” E repetia outras frases que traduziam sua emoção. Assim, o Presidente da República foi recebendo cada um dos jogadores e membros da delegação. (...)

O Globo, Matutina, Geral, 24 de junho de 1970, p. 6

Esse discurso juntamente com as fotos publicadas no Jornal do Brasil foram uma grande propaganda para o governo, que concluiu a campanha da seleção na Copa com uma grande festa comemorando não só a vitória, mas também a própria nação. Associando-se com Pelé, nessa e em outras ocasiões, o presidente capitaliza, em certa medida, a devoção do povo pelo ídolo. Além disso, mencionando a sorte do Brasil de ter produzido Pelé, Médici evidencia um motivo de orgulho por ser brasileiro, algo que pode ser compartilhado com todos independentemente do estado que tenha nascido. Dessa forma, o presidente apresenta um discurso patriótico que busca coesão nacional e popularidade do governo.

Nessa mesma perspectiva, destaca-se a forma como o Jornal do Brasil noticiou a conquista (figura 21) também explorando o discurso nacionalista (figura

22) e defendendo a vitória brasileira na Copa do Mundo como motivo de orgulho do e de confiança no futuro do país (figura 23).

Como esporte nacional, mobilizador de paixões numa escala insuperável, em termos populares, o futebol revela o Brasil - revela-o aos brasileiros e ao mundo. O povo, convocado pelo milagre das comunicações, assim o entende e por isto junta à sua alegria uma legítima dimensão patriótica. Nunca talvez se agitaram tantas bandeiras verde-amarelas por todo este imenso país. Nunca talvez o povo sentiu tão coeso. Nunca a fraternidade brasileira foi tão espontânea, tão profunda e tão comovente. Um povo que assim se mobiliza pelo esporte, dócil ao encanto mágico de sua Seleção, guarda em si reservas de força e energia inauditas.

Jornal do Brasil, 23 de junho de 1970, p. 9

Como Médici, o jornal entende o desempenho da seleção como uma vitrine para o mundo de quem são os brasileiros, reforçando sua representatividade. O texto revela como o futebol pode ser um espaço de promoção do patriotismo, ao exaltar símbolos nacionais como as cores e a bandeira. À vista disso, a vitória da seleção teria sido um combustível para união nacional, em que o povo mostrou-se engajado com a nação, “dócil ao encanto mágico de sua Seleção”. Esse discurso continua com o foco em Pelé:

(...) Pelé dá a notícia de um grande país em plena afirmação nacional. Não é por acaso que ostentamos hoje a honra singular de sermos concidadãos de Pelé. Vale a pena ser brasileiro. Podemos confiar no Brasil, pátria da Seleção, pátria do tricampeonato mundial de futebol. Pátria do tricampeão Pelé.

Jornal do Brasil, 23 de junho de 1970, p. 9

Assim, a concepção do jornal é que ter produzido um jogador inigualável como Pelé é o indicativo do valor do Brasil. É por ser o berço de Pelé que o país merece confiança e fé. Mais uma vez, a mídia aparece explorando o sentimento nacionalista e promovendo o patriotismo a partir do selecionado.

Com base nessas reportagens que trazem o presidente Médici como um personagem importante da Copa do Mundo, outras observações podem ser feitas. A primeira delas é a existência de um militar na chefia da delegação brasileira, que é sempre a ponte entre o time e o presidente. Médici, em quase todas as suas ligações, conversa com o Brigadeiro Jerônimo Bastos, que deve repassar as palavras do presidente. Tal relação aponta para a representatividade e a interferência dos militares dentro da equipe, sinalizando que eles não assistiam a

campanha passivamente. O vínculo próximo entre o governo e a CBD, especificamente com a seleção de futebol, começou antes do próprio campeonato, como discutido previamente. Esta interferência, então, corrobora com a tese de que o governo usou para benefício político a performance da seleção brasileira na Copa, certificando-se que tudo ocorresse da forma que melhor atendesse aos seus interesses.

A segunda observação é sobre as mensagens enviadas por Médici ao Brigadeiro Jerônimo e ao time. Em todas elas, publicizadas pelo jornal O Globo, o presidente usa expressões de cunho patriótico, exaltando as conquistas da seleção como sendo conquistas do povo, além de se colocar como um torcedor comum sempre. Essas manifestações demonstram que as mensagens não eram apenas para a delegação, mas também — e principalmente — para a população. Assim, demonstrando seu apoio obstinado à seleção, Médici comunicava-se também com o povo, promovendo sua imagem e tornando-o mais popular. O fato das palavras do chefe do governo terem sido propositalmente divulgadas por um jornal tão difundido, confirma a intencionalidade do governo de capitalizar o apoio popular ao time. Dessa forma, fica clara a propaganda deliberada da torcida de Médici na Copa, impulsionando a identificação do líder com a população.

Portanto, a partir das reportagens, analisando os textos e as imagens, percebe-se uma nítida estratégia do governo de associar a imagem do presidente Médici à imagem da seleção vitoriosa, principalmente no jornal O Globo, cujo apoio à Ditadura Militar estava consolidado. Com essa associação, o governo conseguia publicizar a imagem de Médici como um homem comum, em quem os brasileiros poderiam enxergar-se. Tendo em vista que tratava-se de um líder não eleito pelas vias democráticas, essa identificação propiciava legitimação e popularidade, indispensáveis para a manutenção do seu poder. Ademais, com uma linguagem patriótica e unificadora, que definia a seleção de futebol como representantes do povo brasileiro, o governo encontrava matéria para promover coesão nacional e estimulava que a população engajasse no seu projeto de país, ressaltando a performance na Copa como um motivo para confiar no futuro do Brasil. Conclui-se, então, que os militares usaram politicamente a vitória da Copa do Mundo de 1970 em prol de seus interesses, fazendo da mídia o meio de propaganda para alcançar tal objetivo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol, fica claro, é um aspecto cultural brasileiro que não pode ser ignorado ao analisar a sociedade. Estando presente desde a infância, esse esporte faz parte da formação do “ser brasileiro”, no que diz respeito a como nos vemos e somos vistos. Além disso, é vitrine de processos e interações sociais, pois torcer é uma forma coletiva e individual de ser, isto é, de existir e de identificar-se com algo.

À vista disso, o futebol é um espaço de representações. O time em campo representa os seus apoiadores, que jogam contra outra equipe, também representante de outros apoiadores. Nesse jogo de representatividade, as identidades coletivas e individuais são formadas e criam um ambiente propício para publicidade de ideias e concepções.

A Copa de 70, nesse sentido, apresentou-se como uma ótima oportunidade para a Ditadura Militar Brasileira, encabeçada pelo Presidente Médici, de incentivar o patriotismo e unificar a nação, buscando no desempenho da seleção uma alavanca para sua popularidade. Pois, sendo o futebol um espaço de representatividade, ele dá acesso à emoção e à passionalidade dos indivíduos, propiciando uma conexão mais profunda em que são compartilhados sentimentos de pertencimento e de apoio mútuo.

Esta foi a base da mensagem passada pelo governo por meio da propaganda: a de que todos são um só e estão unidos em prol de um mesmo objetivo. Objetivo este que, em um primeiro momento, parece ser apenas apoiar a seleção e levá-la a vitória, mas traz também é o estímulo de engajar-se com o projeto desenvolvimentista dos militares. Assim, o governo propagava que a conquista do time, graças a valores como técnica, preparo e moral, eram uma razão para acreditar no país e lutar para que este crescesse.

Médici, então, foi o personagem principal dessa propaganda, como Chefe do Governo, que, por meio de seu apoio à seleção, demonstrava ser um homem comum que liderava o país no rumo do progresso. Ele aparece no discurso jornalístico sempre como um torcedor enérgico e, como qualquer outro, vibrava nas conquistas e ficava apreensivo nas dificuldades. Ao dirigir-se ao time, sempre com o intermediário também militar, comunicava-se com a população, manifestando respeito e devoção pelos atletas. Assim, evidenciava ser alguém com quem o brasileiro regular poderia identificar-se e, conseqüentemente, confiar e apoiar.

O caso do uso político da Copa do Mundo de 1970 pelos militares explicita o quanto o futebol pode ser espelho da sociedade, evidenciando processos históricos e sociais que acontecem onde o esporte está presente. Ademais, tirando-o de uma posição passiva, os seus agentes podem, usando-o como meio, influenciar e manipular grupos e situações. Dessa forma, o futebol é, pois, condicionado e condicionante no corpo social: tanto o moldamos, como somos moldados por ele.

5. FONTES

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 15 de junho de 1938. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19380615&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 23 de junho de 1970. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19700623&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1970. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19700624&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>.

Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 26 de junho de 1978. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=0qX8s2k1IRwC&dat=19780626&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>.

O Globo. Rio de Janeiro. 1 de junho de 1970, Edição Matutina, Esportes. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700601C&edicao=Matutina>>.

O Globo. Rio de Janeiro, 4 de junho de 1970. Edição Matutina, Geral. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700604>>.

O Globo. Rio de Janeiro, 6 de junho de 1970. Edição Matutina. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700606>>.

O Globo. Rio de Janeiro, 8 de junho de 1970. Edição Vespertina. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700608C&edicao=Vespertina>>.

O Globo. Rio de Janeiro, 11 de Junho de 1970. Edição Matutina, Geral. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700611>>.

O Globo. Rio de Janeiro, 15 de Junho de 1970. Edição Matutina, Geral. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700615>>.

O Globo. Rio de Janeiro, 17 de Junho de 1970. Edição Matutina, Geral. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700617>>.

O Globo. Rio de Janeiro. 17 de Junho de 1970, Edição Matutina, Geral. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700617>>.

O Globo. Rio de Janeiro, 18 de Junho de 1970. Edição Matutina, Geral. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700618>>.

O Globo. Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1970. Edição Matutina, Geral. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700620>>.

O Globo. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1970. Edição Matutina, Geral. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700622>>.

O Globo. Rio de Janeiro, 23 de Junho de 1970. Edição Matutina, Geral. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700623>>.

O Globo. Rio de Janeiro, 24 de Junho de 1970. Edição Matutina, Geral. Disponível em:

<<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=197019700624>>.

6. REFERÊNCIAS

- AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad. 2002.
- BARROS, Edgard Luiz de. Os Governos Militares. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 1992.
- BARTHOLO, T. L.; SALVADOR, M. A. S.; SOARES, A. J. Copa de 70: o planejamento México. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni. (Org.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.
- BREITKREITZ, Luciano Anderson. A ditadura e o futebol na América do Sul: a construção de um imaginário coletivo através das Copas do Mundo de 1970 e 1978. Revista Semina. V11 nº01-2012, 13p.
- CUEVA, Agustín. Tempos Conservadores. São Paulo: Hucitec, 1989, p. 19-63
- DaMATTa, Roberto et al. Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro, Pinakothek, 1982. 15 ilustrações p.b. e 10 em cores.
- DAMO, Arlei Sander. Futebol e Estética. In: São Paulo em Perspectiva, 15(3), 2001.
- _____, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. Mega Eventos Esportivos no Brasil: Um olhar antropológico. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2014.
- ELIAS, Nobert; DUNNING, Eric. A busca da excitação. Difel, Lisboa, 1992.
- FIENGO, Sergio Villena. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. In: ALABARCES, Pablo. Futbolologías: Fútbol, Identidad y Violencia en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, abril de 2003, 257-271p.
- FRAGA, Gerson W. "A derrota do Jeca" na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado), 2009.
- _____. Uma triste história de futebol no Brasil: O Maracanã - nacionalidade, futebol e imprensa na Copa do Mundo de 1950. Passo Fundo (RS): Méritos, 2014.
- _____. Os fields da elite e os "campos da Redenção": um olhar sobre os primórdios do futebol em Porto Alegre a partir de sua espacialidade urbana (1903-1909). In: GUAZZELLI, Cesar A. B.; FRAGA, Gerson W.; STÉDILE, Miguel E. A.; QUINSANI, Rafael H.(Org.). À Sombra das Cuteiras Meridionais: uma história social do futebol (e outras coisas...). Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p. 61-79.
- GALEANO, Eduardo. Futebol ao Sol e à Sombra. 3ª edição. Porto Alegre: L&PM, 2004.

GASTALDO, Édison. A Pátria na “imprensa de chuteiras”: futebol, mídia e identidades brasileiras. In: GASTALDO, Édison; GUEDES, Simoni. (Org.). Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

GUAZZELLI, Cesar A. B.; FRAGA, Gerson W.; STÉDILE, Miguel E. A.; QUINSANI, Rafael H.(Org.). À Sombra das Cuteiras Meridionais: uma história social do futebol (e outras coisas...). Porto Alegre: Editora Fi, 2021.

_____, Cesar A. B. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: a construção da província de chuteiras. In: Anos 90, Porto Alegre, n. 13, 2000, p. 21-50.

GUTERMAN, Marcos. O Futebol Explica o Brasil: o Caso da Copa de 70. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

HOBBSAWN, Eric J. Nações e Nacionalismo desde 1780. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

KUPPER, Agnaldo. O futebol brasileiro como instrumento de identidade. Mnemosine. Vol.14, nº2, 2018, p. 219-235.

MAGALHÃES, L. G. Com a taça nas mãos: Sociedade, Copa do Mundo e Ditadura no Brasil e na Argentina. Tese de Dissertação. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

_____, L. G. A Copa do Mundo da ditadura ou da resistência? Comemorações e disputas de memórias sobre a Argentina de 1978. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol 32, nº 68, p. 675-694, setembro-dezembro 2019.

_____, L. G. Ditadura e futebol: O Brasil e a Copa do Mundo de 1970. PolHis. Ano 5, volume 9, 2012, 232-242p.

MALLMANN, Vinícius Henrique. O Brasil Grande Potência Como Construção Discursiva: O Governo Do General Médici (1969 – 1974). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

PEREIRA, C. K. Pra frente Brasil: Ditadura militar, identidade e Copa de 70. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, Porto Alegre, 2012, 15p.

RINKE, Stefan. ¿La última pasión verdadera? Historia del fútbol en América Latina en el contexto global. IberoAmericana. América Latina, Espanha e Portugal, 7(27), 85-100p.

SCHLATTER, B. B. N. Futebol e Populismo: o esporte das multidões e a política das massas. Revista Historiador. Número 02. Ano 02. Dezembro de 2009.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. (Orgs.). Memória social dos esportes: futebol e política. A construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2006.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. Pra frente, Brasil: Do Maracanazo aos mitos de Pelé e Garrincha, a dialética da ordem e da desordem (1950-1983). São Paulo: Intermeios, 2018.

SPANNENBERG, A. C. M.; BARROS, C. V. B. Do impresso ao digital: a história do Jornal do Brasil. Revista Observatório, Palmas, v. 2, n. Especial 1, p.230-250, maio. 2016.

STÉDILE, Miguel. Aqui sangraram pelos nossos pés: Futebol, política e identidade nacional na Ditadura militar (1974-1985). Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: a metafísica do homem comum. In: Revista de História, São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010

_____, Luiz Henrique. Lógicas no Futebol: Dimensões Simbólicas de um Esporte Nacional. Tese (Doutorado em Antropologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VASCONCELOS, Diego. A relação ideológica das organizações globo com o governo militar de 1964. XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. São Luís (MA), 2019.

WASSERMAN, Claudia. História da América Latina Contemporânea (1900-1930). Porto Alegre, Ed. UFRGS, 1992.

WISNIK, José, Miguel. Veneno Remédio: o Futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Sites

Memórias da Ditadura. Emílio Garrastazu Médici. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-ditadura/medici/>>. Acesso em janeiro de 2023;

Lideranças Políticas. Emílio Garrastazu Médici. Disponível em: <<https://neamp.pucsp.br/liderancas/emilio-garrastazu-medici/>>. Acesso em janeiro de 2023.

ESPN. México 1970: conheça os 22 heróis na conquista do tri da Copa do Mundo. 21 de junho de 2020. Disponível em:

<https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/7061703/mexico-1970-conheca-os-22-herois-na-conquista-do-tri-da-copa-do-mundo>. Acesso em janeiro de 2023.

Comitê Olímpico do Brasil. Confederação Brasileira de Futebol. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/cob/confederacoes/cbf/>>. Acesso em dezembro de 2023.

UOL. 'Vocês vão ter que me engolir': Os bastidores da polêmica frase de Zagallo. 26 de junho de 2017. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2017/06/29/voces-vaio-ter-qu-e-me-engolir-os-bastidores-da-polemica-frase-de-zagallo.htm>>. Acesso em fevereiro de 2023.

7. ANEXOS

Figura 1

Mensagem de Médici

BRASÍLIA (O GLOBO) — O Presidente Médici e um grupo de assessores assistiram, na tarde de ontem, no Palácio da Alvorada, a transmissão da abertura da Taça do Mundo e o jogo México x União Soviética com imagens à cores, graças a um "link" especial da EMBRATEL formado para Brasília.

Depois, ainda no Palácio da Alvorada, o Chefe do Governo assistiu à transmissão de Flamengo x Fluminense.

Mensagem

Tendo em vista a abertura da Taça do Mundo, o Presidente Médici enviou a seguinte mensagem ao Brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da delegação brasileira:

"Na oportunidade da iniciação do Campeonato Mundial de Futebol, a competição que mais sensibiliza a opinião pública internacional, venho pedir-lhe fazer-se intérprete da minha fraterna saudação às delegações de todos os países participantes, com os votos de que a competição possa servir ao ideal de entendimento entre os povos, assim como fazer chegar, a todos os componentes de nossa representação, as expressões de meu incentivo para que sejam felizes e dignos do grande povo que, à distância, os acompanha em cada momento dessa magna disputa. Emílio Garrastazu Médici, Presidente da República."

O Globo, Edição Matutina, Esportes, 1 de junho de 1970, p. 3

Figura 2

Médici aplaudiu vitória e pediu notícias sobre lateral Everaldo

GUADALAJARA (De Denis Meneses, especial para O GLOBO, via EMBRATEL, pelo satélite) — Mal a partida terminou, o chefe da delegação do Brasil foi convocado para o telefone. Era o Presidente Garrastazu Médici cumprimentando a seleção pela terceira vitória e, também, querendo saber — como bom torcedor do Grêmio — o que houvera com Everaldo. O Brigadeiro Jerônimo Bastos informou que o zagueiro sofreu forte torção no tornozelo direito e que, por medida de precaução, encaminhou-se ao exame radiográfico no Clube Guadalajara.

Tostão de Clodoaldo

No vestiário, antes de ir para o exame anti-"doping" juntamente com Fontana, a maior figura da seleção brasileira, Clodoaldo, queixou-se ao Dr. Lidio Toledo de uma pancada na coxa esquer-

da, que habitualmente qualificamos de tostão. O médico não viu gravidade e logo recomendou repouso absoluto para que tenha a condição de apto para o próximo jogo.

Gérson e Rivelino

Os dois homens do meio-de-campo do Brasil voltam hoje aos exercícios das 16 horas no Clube Providência, incluídos entre os que não enfrentaram a Romênia. Gérson e Rivelino estão, praticamente, recuperados e isso diminuiu a preocupação de Zagalo, já que Paulo César também acabou o jogo de ontem sentindo a dorça de uma falta que recebeu. Rivelino revelou que não fez teste nenhum para ver se podia jogar como se anunciara, pois desde domingo estava decidido que ficaria de fora.

O Globo, Matutina, Geral, 11 de Junho de 1970, página 20

Figura 3

Médici vibrou no Laranjeiras com a vitória

O Presidente Médici assistiu à vitória do Brasil ontem no Palácio Laranjeiras, cercado de familiares e funcionários dos gabinetes Civil e Militar da Presidência, ao todo 40 pessoas.

O Chefe do Governo vibrou com o triunfo, vendo todos os lances num aparelho em cores cedido pela EMBRATEL. Ao término da partida, quando a alegria era contagiante, a vitória foi comemorada com uma rodada de uísque.

Uma ligação para Guadalajara foi feita logo após com o Brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da delegação brasileira, a quem o Presidente da República cumprimentou efusivamente.

O Globo, Matutina, Geral, 15 de Junho de 1970, página 2

Figura 4

"Goal" n.º 2 faz Médici vibrar: "Esta é nossa!"

BRASÍLIA (O GLOBO) — "Esta é nossa!" — gritou o Presidente Médici, abandonando a poltrona de veludo onde assistia ao jogo para abraçar a todos e comemorar o segundo "goal" do Brasil na partida contra o Uruguai. No final, o Presidente comentou com os assessores e familiares presentes: "Bem que eu disse que seria um osso duro. Agora vamos para a final."

O Presidente manteve a tranquilidade durante o desenrolar da partida, mas pulou da poltrona de veludo no momento do "goal" de Jairzinho e alegrou-se com o terceiro, de Rivelino. Terminado o jogo, ele acompanhou pelo rádio a prorrogação da partida entre Itália e Alemanha. Depois, ligou para o Brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da nossa delegação no México, e transmitiu-lhe, como brasileiro e torcedor, "o grande abraço", e como Presidente "o incentivo para a conquista definitiva da Copa do Mundo, no próximo domingo".

O Globo, Matutina, Geral, 18 de Junho de 1970, página 14

Figura 5

Médici é Brasil 4x1
TODOS CONFIAM NO SELECIONADO

O Globo, Matutina, Geral, 20 de Junho de 1970, página 1

Figura 6

Ministros de Estado, dirigentes de clubes e artistas de televisão, todos confiam no último desempenho da seleção do Brasil nesta Copa. O Presidente Médici, que assistiu a todos os jogos da "canarinha" pela TV, já deu o seu palpite: Brasil 4 a 1. O Governador Negrão de Lima fica com os 2 a 0 para o Brasil. Carlos Imperial é pelos 4 a 2, e Abelardo "Chacrinha" Barbosa, 2 a 1. Já o Ministro Andreazza acha que o Brasil vai fazer 4 "goals". (P. 3)

O Globo, Matutina, Geral, 20 de Junho de 1970, página 1

Figura 7

TRI 
EDIÇÃO DA VITÓRIA
O GLOBO
FUNDAÇÃO DE BRINCE MARINHO

CARNIVAL EM JUNHO
O primeiro: o salto de Pelé

Facultativo hoje e amanhã

MÉDICI ACERTOU O PLACAR
O "goal" do alívio

TIRARAM AS MEIAS DE TOSTÃO

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 1

Figura 8

Facultativo hoje e amanhã

Os brasileiros terão mesmo um carnaval em junho. Ontem, logo após a conquista da Taça Jules Rimet, o Presidente Médici recomendou ao chefe do Gabinete Civil, Professor Leitão de Abreu, que expedisse portaria considerando ponto facultativo nas repartições públicas, federais e autárquicas, segunda e terça-feiras. Ao dar a ordem, o Presidente frisou que "os brasileiros merecem um carnaval extra e a nossa seleção a homenagem de todós". O Governo do Estado vai decretar ponto facultativo amanhã, a partir das 14 horas.

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 1

Figura 9

MÉDICI ACERTOU O PLACAR

O Presidente Médici, que acompanhou pela televisão todos os jogos da seleção tricampeã do mundo, provou ser mesmo um entendido de futebol ao fornecer na sexta-feira a O GLOBO seu palpite para a finalíssima de ontem: Brasil 4 x 1. Ontem, logo após a emocionante vitória, o Presidente dirigiu mensagem à Seleção, na qual expressa que, como homem comum, sentise profundamente feliz, "pois nenhuma alegria é maior no meu coração que a de ver a felicidade de nosso povo no mais puro sentimento patriótico."

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 1

Figura 11

"Alô, "rei" Pelé. Aqui é o Presidente. Mando o meu abraço a todos. Terça-feira estou aguardando vocês." Poucos minutos após o término do jogo, o Presidente Médici iniciava dessa forma, por telefone, seu diálogo com Pelé. O "rei" ofereceu a vitória ao Presidente. Em meio à euforia, em conversa com jornalistas e instado sobre como encarava a ação terrorista, o Presidente declarou: "Os terroristas não conseguirão nada. Ninguém segura este País." Na mensagem que enviou à Seleção, o Presidente assinalou que aquele era o dia mais feliz de sua vida, frisando que a vitória se deveu à prevalência de princípios que nos hão de orientar para o próprio desenvolvimento do país. (NA TERCEIRA PÁGINA)

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 1

Figura 10

MÉDICI: NINGUÉM SEGURA ÊSTE PAÍS

Raça e classe de Gérson
Zagalo: Pelé foi o maior da Copa

Jair, o tigre de aço

Cidade em festa ESPERA CAMPEÕES

Carnaval a noite toda

A lição do Tri

Edição Final

O GLOBO
FUNDADO EM 1925
FUNDADOR: JOSÉ ANTONIO DE ALMEIDA
DIRETOR: JOSÉ ANTONIO DE ALMEIDA
REDAÇÃO: AV. BRASIL, 100 - RIO DE JANEIRO - RJ - BRASIL
TEL. 222-2222

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 1

Figura 12

Torcedor feliz

Afinal, a ligação foi feita. O Presidente conseguiu falar com o presidente de nossa delegação no México, Brigadeiro Jerônimo Bastos:

— Diga aos rapazes que estou muito feliz, que o Brasil está feliz. Foi uma coisa sensacional. Atenderam o meu palpite de 4x1, e diga que o Presidente agradece. Muito obrigado, Brigadeiro. Hoje é o dia mais feliz de minha vida, e também do Presidente da República.

O Chefe do Governo, feliz e descontraído, não se preocupava em formar frases. Ia dizendo o que lhe ocorria, repetindo o que já tinha dito, mãos para o alto, no gesto característico da explosão de alegria do torcedor comum.

A ligação com a Cidade do México não parecia boa. O Chefe do Governo falou duas, três vezes, mas a ligação foi interrompida. Mesmo assim, inteiramente à vontade, entregue à sua grande alegria, afirmou:

— Não faz mal. Eles sabem o quanto estamos felizes, eu e o povo todo.

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 3

Figura 13

Diálogo com o "Rei"

— O Presidente estava reunido com os jornalistas durante entrevista, quando foi restabelecida a ligação com a Cidade do México. Trouxe então com Pelé o seguinte diálogo:

Presidente: Alô, rei Pelé, aqui é o Presidente. Mando o meu abraço a todos. Targifeira estou aguardando você.

Pelé: Estamos emocionados e atenciosos a vitória do senhor.

Presidente: Você deram ao Brasil a maior glória. Na Copa de 72 — aqui no Brasil — a festa de champagne Tapé Pelé.

Pelé: Eu fico ainda mais emocionado e espero estar jogando para ganhar também esta.

Presidente: Dê a todos os participantes o meu abraço. Ao grande capitão Carlos Alberto, ao Zagalo e ao capitão Courinho, que deu a vitória ao Brasil. Um abraço também ao Brito que é de Fiumengo e ao Everaldo, que é do Grêmio. E um abraço a todos os times. Afinal, tudo é Brasil.



O PRESIDENTE MÉDICI ASSISTE AO JOGO

Médici a Nelson Rodrigues: "Vitória da Seleção é do povo"

Terminado o jogo, no meio de toda a festa, o Presidente Médici consegue encontrar Nelson Rodrigues pelo telefone. É muito alegre faz de Nelson Rodrigues o portador de uma saudação presidencial, e pesca, a toda a crônica esportiva. O Presidente explica que faz de Nelson o representante porque este sempre foi um otimista, nunca deixou de acreditar na vitória.

É ainda sorrindo a vitória, disse a Nelson.

— Estou feliz; esta vitória do esporte é a vitória do povo. Os brasileiros mereciam essa alegria, é um povo maravilhoso, sempre consegue o que quer. Estou feliz, muito feliz...

Nelson Rodrigues surpreendeu-se com o telefonema. Explica que nos momentos de tensão ou de grande expectativa do Presidente. Um homem que torce desde a adolescência, no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul, pelo Grêmio. O Presidente — conta Nelson — é um torcedor autêntico, conhece futebol, jogadores, técnicas e consegue guardar e dar detalhes de grandes jogos.

— É o primeiro Presidente do Brasil que gosta de futebol. Nunca deixei de acreditar na Seleção, mas ele também nunca deixou de acreditar nisso. Nas diversas conversas que tivemos ele sempre demonstrou ser um torcedor que acreditava no time. De Felis ao Rivelino, ele disse que sabia que todos iriam demonstrar grande técnica e rapidez, as próprias de nosso futebol. Sempre se mostrou interessado pelo estado dos jogadores, pela Seleção. Sempre a postos de perto, como torcedor a como Presidente.

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 3

Figura 14

Torcedor igual aos outros

Logo após o término do jogo entre Brasil e Itália, o Presidente Garrastazu Médici, em mensagem dirigida à Seleção afirmou:

"Na hora em que a Seleção Nacional de Futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam, no Presidente da República, um brasileiro igual a todos os brasileiros.

Como um homem comum, como um brasileiro que, acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável neste país e neste povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração que a alegria de ver a felicidade de nosso povo, no sentimento da mais pura exultação patriótica.

É identífico, na vitória conquistada na fraterna disputa esportiva, a prevalência de princípios de que nos devemos armar para a própria luta

em favor do desenvolvimento nacional. Identifico no sucesso de nossa Seleção de Futebol a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade, da capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral. Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva.

Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me todo com alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro.

Emílio Garrastazu Médici, Presidente da República.

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 3

Figura 15

Presidente: — Hoje é o dia mais feliz da minha vida

Diálogo com o "Rei"

Médici a Nelson Rodrigues: "Vitória da Seleção é do povo"

Médici a Brasil 4x1

TODOS CONFIAM NO SELECIONADO

Reencontro

O Presidente Médici, que acompanhava pela televisão o jogo de seleção televisado do mundo, passou um tempo em estúdio de rádio ao falar na seleção, a 10:00:00, em diálogo com a transmissão de rádio, Brasil 4 x 1. De lá para a personalidade corajosa, ao Presidente sempre impetuosa e corajosa.

Rio-Nova York: 9,20 horas. Mas conosco a hora tem 30 minutos.

AEROLÍNEAS ARGENTINAS
70 años internacional por semana

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 3

Figura 16

BRASILIA (O GLOBO)

"Em nome do Brasil, muito obrigado. Vocês mostraram, com muita garra e fibra, o que é o nosso grande País. Hoje é o dia da confraternização nacional", disse o Presidente Médici ao abraçar fortemente o capitão Carlos Alberto, primeiro a subir a rampa do Palácio do Planalto. Foi um abraço comovido. O Presidente queria falar mas não achava as palavras. Em seguida, outro abraço em Zagalo, outro em Rivelino e outro em Brito.

Depois, o Presidente ficou parado com os braços abertos, esperando alguém que vinha como uma criança e subia a rampa correndo. Foi o mais comovido abraço: o Presidente Médici deixou correr as lágrimas e repetiu várias vezes: "Você é o grande herói. É o Rei. Homens como você, Pelé, orgulham o nosso querido País. Que sorte a nossa você ter nascido aqui." E repetia outras frases que traduziam sua emoção. Assim, o Presidente da República foi recebendo cada um dos jogadores e membros da delegação. Para cada um, tinha uma pala-

O Globo, Matutina, Geral, 24 de Junho de 1970, página 6

Figura 17



Jornal do Brasil, 24 de junho de 1970, p. 1

Figura 18



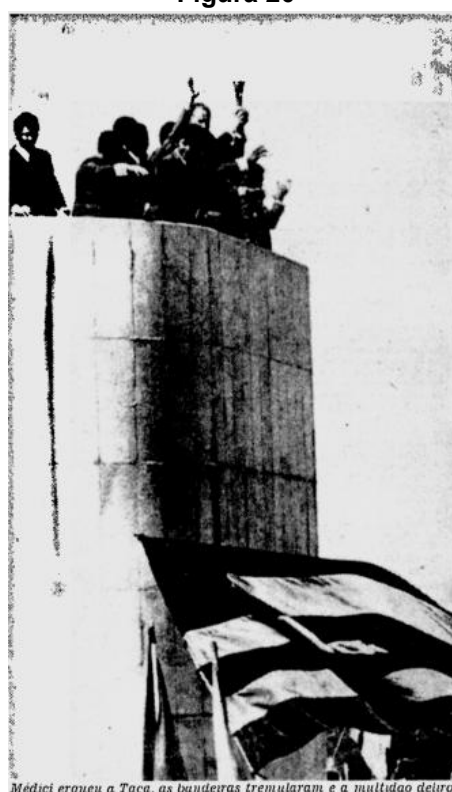
Jornal do Brasil, 24 de junho de 1970, p. 5

Figura 19



Jornal do Brasil, 24 de junho de 1970, p. 5

Figura 20



Jornal do Brasil, 24 de junho de 1970, p. 5

Figura 21



Jornal do Brasil, 24 de junho de 1970, p. 5

Figura 22

Como esporte nacional, mobilizador de paixões numa escala insuperável, em termos populares, o futebol revela o Brasil — revela-o aos brasileiros e ao mundo. O povo, convocado pelo milagre das comunicações, assim o entende e por isto junta à sua alegria uma legítima dimensão patriótica. Nunca talvez se agitaram tantas bandeiras verde-amarelas por todo este imenso país. Nunca talvez o povo se sentiu tão coeso. Nunca a fraternidade brasileira foi tão espontânea, tão profunda e tão comovente. Um povo que assim se mobiliza pelo esporte, dócil ao encanto mágico de sua Seleção, guarda em si reservas de força e energia inauditas.

Jornal do Brasil, 23 de junho de 1970, p. 9

Figura 23

na sua culminância, Pelé dá notícia de um grande país em plena afirmação nacional. Não é por acaso que ostentamos hoje a honra singular de sermos concidadãos de Pelé. Vale a pena ser brasileiro. Podemos confiar no Brasil, pátria da Seleção, pátria do tricampeonato mundial de futebol. Pátria do tricampeão Pelé.

Jornal do Brasil, 23 de junho de 1970, p. 9

Figura 24

MÉDICI RECEBE COM TÔDAS AS HONRAS A SELEÇÃO TRICAMPEÃ

BRASÍLIA (O GLOBO) — O Presidente da República, na espera por uma "Deus Salva o Rei" de Carlos Alberto e Pelé, no palaneteiro do Brasil, no momento de partida, a seleção brasileira de futebol, que se dirigirá à Alemanha, para disputar o terceiro campeonato do mundo.

Havelange e Negro com os craques

OS PORTAREIS SÃO OS TROPAS DO PARADO E DAS FAMÍLIAS DOS TRICAMPEÕES, QUE SE TORNARÃO DE ARCAJÓDIO A DISTÂNCIA

O Globo, Matutina, Geral, 23 de Junho de 1970, página 3

Figura 25

REI PELÉ

O que mais se diz em secrete sobre Pelé? "The Observer" de Londres, escreveu: "Pelé é Deus distorçado" e a televisão brasileira alucina: "que se escreve o nome de Pelé com as letras G-O-D (Deus)". Depois distas coisas, o jeito é chamar Pelé de Pelé mesmo.

Não bastava o título o Magin de "Rei Pelé", mas o apelido de repente ficou mágico. Os ingleses vieram de Deus e quem amou não para deixar, com o Imperio Britânico?

Na outra enternação Pelé deve ter sido uma bola de futebol. Nunca um jogador foi tão chamado e nunca um craque entendeu tanto a alma de uma bola. Pelé joga por dentro da bola.

O que Pelé tem levado de saudades não é de casa, não de amores e a fôça de cada pontapé que Pelé já levou, o total desta fôça para mostrar um homem à Lua. Ou mais, muito além da Lua.

Pelé já fez "golos" de quase todas as maneiras: fôças, dois tipos. Um, aquele que ele faz: torcido do meio do campo e na hora exata de início da partida. O outro? Um "gol" contra. (Este ele não tem tentado...)

Que sorte a nossa Pelé ter nascido no Brasil! Mas não dizem que Deus é brasileiro? Então Ele não poderia reforçar as equipes adversárias...

É quando Pelé entra para cabecear aquela bola, que acabou nas mãos do Alberto, novata milhês de craques brasileiros também voltaram para suas bolas. E muitos destes craques passaram das bolas no chão!

Pelé foi o primeiro jogador na história do futebol a se tornar tricampeão mundial. E demais, mas irmão! E demais! Viva o Brasil Tricampeão!

Viva Pelé! Viva Carlos Alberto! Viva Frazat! Viva Brito! Viva Everaldo! Viva Cláudio! Viva Cláudio! Viva Jairzinho! Viva Tostão! Viva Pelé! Viva Rivelino! Viva Zagallo! Viva todo mundo que o conhece e amou!

atelo

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 20

Figura 26

OH, MEU DEUS, SÃO TERRÍVEIS

ARTE BRASILEIRA NO FUTEBOL VOLTOU A SER CONSAGRADA COM TRI E POSSE DA TAÇA

MÁQUINAS DO EQUILÍBRIO

A FÚRIA BRASILEIRA

PORTA-BANDEIRA

ÉLE É SINÔNIMO DE CORAGEM

NOSSO GÊNIO SEM BOLA

O Globo, Matutina, Geral, 22 de Junho de 1970, página 4